



UNIVERSIDADE DA REGIÃO DA CAMPANHA
Centro de Ciências da Educação Comunicação e Artes

Curso de Comunicação Social



A COMUNICAÇÃO RURAL E SUAS FORMAS DE MANIFESTAÇÃO

JOSEANE REIS DUARTE

BAGÉ, NOVEMBRO DE 2003



UNIVERSIDADE DA REGIÃO DA CAMPANHA
Centro de Ciências da Educação Comunicação e Artes

Curso de Comunicação Social



JOSEANE REIS DUARTE

A COMUNICAÇÃO RURAL E SUAS FORMAS DE MANIFESTAÇÃO

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Universidade da Região da Campanha – URCAMP/Bagé, como requisito para obtenção de título de bacharel em Comunicação Social, sob orientação do Professor Orlando Carlos Brasil.

BAGÉ, NOVEMBRO DE 2003



UNIVERSIDADE DA REGIÃO DA CAMPANHA
Centro de Ciências da Educação Comunicação e Artes

Curso de Comunicação Social



BAGÉ, 25 DE NOVEMBRO DE 2003

ANA MARIA DOS SANTOS

GLAUBER PEREIRA

ORLANDO CARLOS BRASIL

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado ao meu avô, Euthias Alves Duarte (in memória), que foi uma pessoa na qual sempre me incentivou e me mostrou a importância pela leitura e o valor da sabedoria em uma pessoa. Que sempre foi um pai e me ensinou a amar a leitura, a vida e como a família é importante na vida da gente, porque é ela que temos nas horas que mais precisamos.

AGRADECIMENTOS

Nestas horas sempre é difícil agradecer as pessoas que nos ajudam. Citar nomes é penoso, pelo fato de podermos esquecer de alguém que pode ter sido muito importante, mesmo que seja no auxílio na construção de uma simples frase.

Mas, começo por DEUS, que me iluminou nas horas em que achei que estava tudo perdido ou que não iria conseguir terminar a tempo.

Família! Minha avó, Lilia, que esteve ao meu lado, ouvindo minhas lamúrias e horas de choro, quando estava na tentativa da conclusão do trabalho. Sempre na contagem regressiva de páginas e me incentivando a continuar. Ainda, minha mãe, que mesmo de longe, sei que esteve rezando e torcendo por mim.

Meus colegas de trabalho, tia Vera e Rodrigo, que me apoiaram nos momentos que precisei abandonar a loja e terminar meus trabalhos, vocês foram muito importantes para eu chegar até aqui.

Ainda, minhas amigas e colegas do curso que nunca me deixaram abater, mesmo naquelas horas em que achávamos que não iríamos conseguir. Obrigada pelo ombro amigo para ouvir minhas tristezas e desespero. Rochele, Cristiane Freitas, Dora, Lara, Mirela e todas as outras que souberam dar uma palavra amiga quando precisamos. Cristiane Rhoden, amiga para todas as horas, sempre tentando ajudar de alguma forma.

Aos amigos da biblioteca e arquivo público, Milena e professor Bouchinhas, que sempre estiveram dispostos a contribuir na elaboração deste trabalho. Ao Correio, que gentilmente, forneceu informações sobre sua história. Eron Mattos e Guilherme Collares pela atenção às necessidades de obter material.

Meu orientador merece agradecimentos, que foi graças a uma frase que ele me disse que eu lutei para provar o quanto eu seria capaz de chegar ao final.

Obrigada de coração a todos os outros que não citei, mas sei que estiveram por trás, sempre apoiando. Meus professores dos outros semestres que deixaram seu conhecimento e aqueles puxões de orelhas que, hoje, percebo o quanto foram importantes.

“Nenhum povo é povo sem sua história e resgate de seu passado. Nós gaúchos somos privilegiados de termos nossas páginas bordadas de luta em busca de nossos objetivos”.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	PÁG. 01
CAPÍTULO 1- História da Comunicação	PÁG. 03
1.1 - A evolução das formas de comunicação	PÁG. 04
CAPÍTULO 2 - Comunicação Rural	PÁG. 08
2.1 - Comunicação e desenvolvimento rural	PÁG.10
2.2 - Possível programa de pesquisa alternativa metodologia e tecnologia em comunicação rural	PÁG. 13
CAPÍTULO 3 - História da Formação do Rio Grande do Sul	PÁG. 15
3.1 - Surgimento das estâncias	PÁG. 17
3.2 - O papel da pecuária no povoamento gaúcho... ..	PÁG. 19
CAPÍTULO 4 – O correio	PÁG. 22
4.1- O correio no Rio Grande do Sul	PÁG. 25
4.2 – O correio no interior de Bagé	PÁG. 27
CAPÍTULO 5 – O rádio	PÁG. 30
5.1 – O assovio	PÁG. 32
5.2 – Primeiro tempos	PÁG. 33
5.3 – O rádio no Brasil	PÁG. 34
5.4 – Tipos de programas e características do rádio AM	PÁG. 37
5.5 – Rádio em Bagé	PÁG.40
5.6 – Rádio Cultura	PÁG. 41
5.7 – Difusora a Voz de Bagé	PÁG. 43
5.8 – Rádio amador	PÁG. 44
5.9 – A recepção de programa de rádio no meio rural	PÁG. 45
CAPÍTULO 6 – Pombo-correio	PÁG. 48
6.1 – Capacidade de regressar ao ponto de origem	PÁG. 52
CAPÍTULO 7 – Ruralcel e telefone móvel	PÁG. 57
7.1 – Comunicação no auxílio às instruções do exército	PÁG. 62

RESUMO

A comunicação sempre esteve presente na vida das pessoas, desde a formação dos povos. No Rio Grande do Sul, pode-se notar um aspecto diferenciado, como a criação de certas formas de comunicação.

Antigamente, homens a cavalo eram os responsáveis pela transmissão de recados e bilhetes. Levavam dias para chegar ao destino, onde, às vezes, as notícias já faziam parte do passado.

As comunidades rurais diversificavam e acompanharam a evolução das tecnologias, as utilizando no campo, como os rádios amadores, ruralcel e telefones celulares.

Mas, ainda existem pessoas que não usufruem das vantagens tecnológicas, servindo-se apenas das rádios AM que transmitem seus avisos para o interior do município.

Ainda, pode-se resgatar métodos antigos e que, até hoje, são utilizados para transmitirem informações, como os pombos-correios. Além de ser um modo barato de comunicação, eles servem também como animais de estimação.

INTRODUÇÃO

O problema surge quando se pergunta: como as pessoas que moravam na zona rural se comunicavam entre si, e, mais adiante, com as cidades?

O Rio Grande do Sul foi constituído a partir da fronteira em guerra. O interesse pelo povoamento do sul brasileiro foi para prevenir uma possível invasão e domínio espanhol.

Em meados de 1680, começa a povoação da Província de São Pedro, onde o governo distribui sesmarias para famílias de estrangeiros e para quem quisesse partir para o sul.

As sesmarias eram grandes extensões de terras e a única forma de locomoção eram carroças ou o cavalo. Com o início da colonização, aparecem novas atividades como tropeiros, para transportar o gado comercializado; os mascates, vendedores ambulantes que vendiam de tudo; e os carreteiros.

Então, começa a grande dificuldade entre as colônias e as estâncias, a comunicação, surgindo novas “profissões”, que eram os chasqueiros ou próprios. Essas pessoas eram encarregadas de levar bilhetes, cartas e recados para outros lugares. Na maioria das vezes eram pessoas de confiança. Em tempos de guerras, faziam revezamento para poderem percorrer uma grande distância, sempre tentando fugir do inimigo.

Com a evolução, as comunidades rurais podem usufruir de novas tecnologias que tornam mais acessível e rápido a maneira de transmitir informações, como o rádio e telefones, seja fixo, como o ruralcel, ou os móveis (telefone celular).

Ainda, algumas comunidades criam seu próprio correio, encarregando uma pessoa responsável em buscar jornais e correspondências, a cavalo, e distribuir entre as propriedades.

Baseado em relatos de famílias e pesquisas em documentos, a idéia era resgatar as antigas formas de comunicação no meio rural e traçar um paralelo com as tecnologias que se tem hoje para poder haver uma comunicação sem ruídos entre o interior dos municípios e as cidades. Ainda, um destaque para a importância das rádios locais, que sempre pensaram nos produtor rural e preocupando-se com a sua comunicação com a cidade.

A partir da evolução tecnológica, como o aparecimento de rádio amador e telefones, as pessoas aprimoraram suas formas de comunicar-se, ajudando a agilizar a transmissão de informações.

O trabalho foi baseado em pesquisa bibliográfica, qualitativa com características etnológicas, utilizando-se de material impresso de época, como cartas e bilhetes, e documentação específica.

1 HISTÓRIA DA COMUNICAÇÃO:

Para anunciar a vitória dos gregos sobre os persas, em 490 a.C., o soldado Feidípedes correu aproximadamente 37 km, do campo de batalha na planície de Maratona até a cidade de Atenas. E, quando chegou, morreu.

No entanto, o homem foi aprendendo aos poucos, a guardar suas energias, inventando instrumentos que “falassem” por ele. Comunicar a alegria da vitória, o perigo da invasão, e até uma simples visita aos companheiros distantes, levou-o desde as épocas mais remotas a tentar soluções que lhe permitissem transmitir informações à distância.

Por isso, é bem possível que as cenas gravadas pelo homem do paleolítico nas paredes das cavernas da Europa e África tenham sido o meio de que se utilizava para comunicar a seus companheiros que saíra, por exemplo, para caçar e que tomara um determinado caminho. Representando animais, árvores, rios, formavam uma mensagem que permitia localizar o campo de caça. Os recados talhados na rocha tinham, assim, o mesmo sentido que o telegrama de hoje.

1.1 A evolução das formas de comunicação:

A voz humana é o meio de comunicação mais natural. Desde os tempos da pré-história, os homens costumam comunicar-se pela fala, passando a novidade de boca em boca.

Consta que na antiga Pérsia a notícia transmitida oralmente chegava ao destino desejado trinta vezes mais depressa do que se fosse levada por um mensageiro a cavalo.

Bem mais eficaz do que qualquer grito, a batida de tambores é ainda usada para anunciar festas e guerras. A mensagem é transmitida por uma combinação de batidas, segundo um código comum entre os que se comunicam. Para melhor distingui-las, os índios encostam a orelha no chão.

Além dos instrumentos de percussão, também, os de sopro foram usados pelos povos antigos. Os sons desses instrumentos tinham um valor simbólico nas práticas religiosas e mágicas. Atualmente, algumas tribos indígenas ainda os utilizam com esta finalidade. Com eles, anunciavam-se acontecimentos de qualquer tipo, bons ou maus.

Os persas, cartagineses, gregos e romanos antigos, costumavam mandar mensagens através de um “telégrafo visual”: tochas acesas em lugares altos. Conforme o “telegrafista” levantava ou abaixava a tocha, segundo um código, a notícia era “vista”. Nos tempos de Alexandre Magno, essas mensagens visuais iam da Índia à Grécia em cinco dias.

Durante muitos séculos, a comunicação mais rápida era a que utilizava o cavalo para transportar mensageiros ou puxar carruagens, como as dos antigos persas e egípcios. Um mensageiro chinês do século XIII chegava a percorrer 400 km num dia, trocando de animal a cada 40 ou 50 km. Até o século XVIII o método foi muito usado.

Em 1794, o francês Claude Chappé inventou o primeiro telégrafo visual: um conjunto de hastes móveis que transmitiam letras e sinais de um código. Colocada em lugares altos ou torres, essa máquina podia mandar mensagens à distância de 700 km em 20 minutos. O sistema deixou de ser usado quando surgiram os aparelhos elétricos.

No século XIX, Samuel Morse construiu um aparelho telegráfico a partir das descobertas e estudos de Oersted e Ampère sobre eletricidade. A primeira linha telegráfica do

mundo, instalada em 1844 entre Baltimore e Washington (EUA), aplicava um código de sinais, também inventado por Morse, que ainda em nossos dias se usa em telegrafia.

A introdução do telégrafo elétrico no Brasil, teve como principal causa a necessidade de repressão ao tráfico de escravos. Datam de 1851, os primeiros ensaios para a introdução do telégrafo.

A primeira linha foi inaugurada em 1 de maio de 1852, ligando o Paço Imperial ao quartel general do Exército, no Rio de Janeiro.

Deve-se a Eusébio de Queiroz e Guilherme Schuon Capanema a introdução deste meio de comunicação no Brasil, bem como ao apoio que Dom Pedro II sempre deu às novas idéias científicas.

O primeiro serviço telegráfico regular foi proporcionado pela linha construída entre Petrópolis e Rio de Janeiro, concluída em 1857.

Em 1874, o Brasil estabeleceu ligação internacional, por cabo submarino, entre Lisboa e Recife.

De 1890 a 1916, o Marechal Cândido Rondon participou das Comissões de construção de linhas telegráficas do Mato Grosso, interligando linhas já existentes de São Paulo, Minas e Rio de Janeiro com a região Centro-oeste e a Amazônia.

A partir de 1926, o país começou a utilizar aparelhos teimpressores.

O padre gaúcho Landell de Moura em 3 de abril de 1900, realiza a primeira transmissão de palavras à distância sem o auxílio de fios. A radiotelegrafia torna-se realidade, na experiência pública em São Paulo. As suas invenções não alcançaram a repercussão merecida, mesmo conseguindo uma patente no Brasil, para transmissão fonética à distância com e sem fio.

Foi o italiano Antonio Meucci quem construiu o primeiro aparelho capaz de transmitir a voz humana: realizou a primeira ligação telefônica, em 1865, do escritório da fábrica onde trabalhava até o quarto de sua esposa. Mais tarde, em 1876, Alexandre Graham Bell patenteou o telefone, já aperfeiçoado e de uso mais prático.

As mensagens telegrafadas, até a metade do século XIX, eram somente recebidas e transmitidas em terra firme. Com a instalação do primeiro cabo submarino entre a Grã-Bretanha e a França (1850) e pelo que liga a Europa e as Américas (1866), o telégrafo passou a ser usado mundialmente só cedendo a primazia ao rádio e ao telex.

Em 13 de julho de 1897, o italiano Guglielmo Marconi conseguiu enviar sinais telegráficos através de ondas de rádio, isto é, sem usar fios transmissores. Descobertas por Heinrich Hertz em 1866, essas ondas permitem o envio de mensagens com a velocidade de 300.000 km/s. A primeira transmissão transatlântica foi feita em 1901.

Em 1920, um discurso transmitido de uma estação de rádio da Grã-Bretanha foi captado na América. Três anos depois, a transmissão da voz por telefone foi feita por meio de ondas de rádio, nascendo daí a radiotelefonía. Este sistema permitiu a comunicação entre extremos diametralmente opostos da Terra sem qualquer demora.

O desenvolvimento da eletrônica permitiu melhoria ainda mais os meios de comunicação à distância. Em 1926, a Grã-Bretanha transmitiu as primeiras imagens de televisão. O sistema permitia, já em 1932, transmissões regulares nos Estados Unidos e Grã-Bretanha. Depois da II Guerra Mundial, a televisão espalhou-se pelo mundo inteiro.

O telégrafo impresso, patenteado em 1840 por C. Wheatstone, foi à forma inicial do teletipo moderno. Este, semelhante a uma máquina pelo mesmo princípio do telefone. Cada batida imprimida pelo transmissor leva só 150 milésimos de segundo para ser impresso no receptor, vindo a ser chamado de telex.

Em 23 de julho de 1962, a Europa recebeu o primeiro programa de TV transmitido diretamente dos Estado Unidos, graças ao satélite “Telstar I”, posto em órbita por um foguete. Era a televisão intercontinental. O “Telstar II” e o “Syncom” (1963) vieram consolidar este sistema que visa a tornar bem mais fáceis as comunicações.

2 COMUNICAÇÃO RURAL:

Comunicação rural é o conjunto de fluxos de informações, de diálogo e de influência recíproca existentes entre os camponeses do setor rural, e também entre eles e os demais setores da nação, que são afetados pelo funcionamento da agricultura ou interessados no melhoramento da vida rural.

A comunicação rural no Brasil existe desde 1900 e sua extensão rural (oficial) inicia na década de 40. O suporte teórico veio dos Estados Unidos e aliando-se a cartazes, folhetos, cartilhas, audiovisuais, programas de rádio (recentemente vídeos) foram introduzidos no contexto histórico, cultural e político daquela época no Brasil.

Os meios e os canais podem ser de natureza: pessoal, formal ou informal.

A população rural concentra sua vida e seu comportamento ao redor da agricultura e pecuária.

A população do meio rural precisou desenvolver métodos próprios a fim de atender às suas necessidades básicas já que, a partir de uma determinada distância, a audição é incapaz de ouvir e entender as mensagens emitidas pela voz humana. É nesses momentos que a criatividade obriga a utilizar dos meios disponíveis e adaptando-os a cada necessidade. Poucas eram as pessoas que possuíam relógios embora tivessem grande capacidade de calcular as horas pela posição das sombras dos cavalos, dos bois mansos, das árvores, etc... até casos de estender o braço em direção ao sol com a palma da mão voltada para cima e o dedo “pai-de-todos” dobrando, saberem a hora com impressionante exatidão pela sombra do dedo projetada sobre a mão mas, por óbvio, nos dias sombrios não tinham como usar essa sabedoria.

Costumeiramente, os homens estavam trabalhando no cercado (lavoura), fazendo arame, açude, parando rodeio e outras tantas atividades, a maioria das vezes, distante de casa. Na hora de soltar o serviço para o almoço, geralmente a mulher que ficava em casa, valia-se

da senha combinada anteriormente para avisá-los e,então, colocava o espelho, hasteava uma bandeira branca, mas tudo precisava ter combinação prévia para que não houvesse mal entendidos.

É necessário que se diga, que a luz do sol, refletida pelo espelho é um meio de comunicação muito eficaz desde que o dia seja ensolarado e a posição do sol permita usá-lo.

Nas estâncias ou estabelecimentos com expressivo número de pessoas usa-se, ainda, bater o ferro para chamara o pessoal para o almoço ou a janta.

Quando havia necessidade de comunicação à noite, usavam lanternas, lampiões, tochas de fogo, tiros e, dependendo da distância,até apitar em um cartucho calibre 38 que produz um forte assovio.

Muitas outras formas existem de comunicação entre a gente da campanha como colocar uma pedra ou um chumaço de alecrim ou carqueja na porteira do estabelecimento de alguém que sabia de que se trata aquela senha e até os namorados usavam deixar os seus apaixonados bilhetes embaixo de uma pedra próxima à porteira, a uma árvore, um cupim, um formigueiro, em síntese, no lugar combinado entre ambos.

O homem campeiro é um sábio por excelência tanto que em distâncias enormes consegue comunicar-se com outros campeiros só pelo movimento do cavalo e um imenso código executado com o chapéu na mão transmitindo, entre si, aquilo que desejam ou precisam avisar.

Uma das características das áreas rurais é a in-comunicação, socialmente determinada pelo analfabetismo e pelo baixo nível de instrução, além da necessidade de se trabalhar por longas horas. Trata-se da in-comunicação provocada pela diferença de status entre os patrões e trabalhadores e pelas divergências políticas.

O mutirão é um ato de cooperação e comunicação freqüente no campo, mas é pouco utilizado na cidade.

Devido a sua in-comunicação tradicional, os homens do campo sentem dificuldades em articular seus problemas comuns e reivindicar soluções . Já a população urbana é mais bem dotada de canais de expressão e consulta recíproca.

Os países latino-americanos somente fizeram alguns esforços para difundir a informação em benefício dos agricultores.

2.1 Comunicação e desenvolvimento rural:

O desenvolvimento rural é o resultado de uma série de transformações quantitativas e qualitativas que se produzem no meio da população rural, e os efeitos convergentes produzem com o tempo uma elevação do nível de vida.

Ainda, implica em progressos econômicos que se apóiam sobre o progresso técnico, e um progresso das pessoas, das regiões e das nações.

No caso da difusão de tecnologia em áreas rurais, os processos cognitivos a serem considerados dizem respeito aos modos de percepção e formas de conhecimento dos produtores e dos especialistas em ciências e tecnologias agrárias, e aos problemas de comunicação entre os dois universos.

Partindo de uma situação determinada, o progresso é configurado por recursos naturais, como: clima, solo e situação geográfica, além dos recursos humanos: demografia, possibilidade e capacidade de trabalho.

O DIFUSIONISMO é um dos modelos utilizados na comunicação rural. Acredita-se que o desenvolvimento acontece quando são introduzidas entre os agricultores novas idéias, de maior eficiência produtiva, e estas são difundidas e adotadas.

Sendo assim, serão imitados por outros agricultores, gerando uma reação em cadeia até chegar aos agricultores retardatários.

O objetivo do difusionismo é encurtar o tempo intermediário entre uma inovação pelos centros de pesquisa e sua adoção generalizada pelos agricultores. O modelo coloca ênfase na comunicação, com suas mensagens motivadoras e persuasivas, que promovem uma atitude inovadora geral.

A informação agrícola adota técnicas de marketing e o método básico da informação rural difusionista consiste no uso combinado, intenso e concentrado de mensagens e meios numa região limitada.

Mas consideramos que, sem aprofundamento conceitual e investigativo desses aspectos cognitivos implicados na difusão de tecnologia e comunicação rural, as propostas metodológicas permanecerão muito limitadas, tanto na qualidade dos resultados, quanto na radicalidade de sua possível inserção nas práticas sociais, educativas ou comunicativas orientadas em função de objetivos de transformação social do contexto.

“Noutras palavras, o enriquecimento da metodologia de pesquisa sobre a difusão de tecnologia passa por um esforço de pesquisa visando a aumentar o nosso conhecimento dos processos cognitivos no contexto considerado. Isto teria uma consequência positiva no plano metodológico (inclusive no caso das práticas participativas) e, potencialmente no da afirmação social ou política dos possíveis resultados.” (SANTOS, 1988, p. 29)

Na América Latina não funcionou muito bem, ao contrário dos Estado Unidos que revolucionou a agricultura, devido a algumas deficiências de infra-estrutura, que assim que foram constatadas, receberam um pacote de técnicas, que colocaram ao alcance do produtor um pacote de serviços.

Assim, as novas funções da comunicação rural servem para facilitar o diagnóstico da realidade e a apresentação dramática de seus resultados, promover a participação da comunidade na reflexão e na ação sobre o diálogo com as autoridades, facilitar o diálogo intra e intercomunitário, assim como também o diálogo com as autoridades, manter os habitantes das cidades interessados e informados sobre o setor rural, contribuir para a educação de crianças e adultos nas próprias condições e locais em que vivem e conscientizar a população para participar ativamente nos processos de mudança social e de construção de uma sociedade democrática e participativa.

Os países de terceiro mundo de desenvolvimento rural, estão se dando conta de que seus modelos estão tendo conseqüências indesejáveis. Entre elas: acelerado êxodo rural, urbanização prematura, violência, favelização, substituição de granjas familiares e outros.

Todas as políticas oficiais devem girar ao redor do desenvolvimento rural, começando pela transferência de tecnologia e terminando com a política de urbanização e industrialização.

O espaço rural deve ser revalorizado.

Assim, a comunicação torna-se uma forte aliada na promoção de organização dos agricultores, facilitando a organização da classe e a expressão de suas idéias.

A objeção a este modelo é o seu caráter reformista, e a inocuidade de seu alcance numa sociedade capitalista oligárquica e opressora.

2.2 Possível programa de pesquisas sobre alternativas metodológicas em tecnologia e comunicação rural

O objetivo consiste em produzir subsídios para a metodologia de pesquisa, com o intuito de renovar o quadro de referências teórico-metodológico dos estudos de difusão de tecnologia em áreas rurais e as estratégias de comunicação.

Para alcançar este objetivo, privilegia-se uma pesquisa teórico-conceitual. Trata-se de desenvolver no campo específico da comunicação rural, problemática e conceitos que estão sendo elaborados e discutidos nas teorias da comunicação e da ação.

O programa de pesquisa sobre a difusão de tecnologias é concebido de acordo com um enfoque cognitivo elaborado em função de atuação dos técnicos e produtores no contexto de produção.

Em vez de reproduzir os modelos comportamentais tradicionais, uma nova concepção da pesquisa poderia encarar a comunicação e a difusão a partir da variedade de formas de conhecimento dos produtores e técnicos. Tais formas de conhecimento seriam analisadas à luz dos avanços registrados nas disciplinas de pesquisas cognitivas. Nesta linha, haveria ênfase na análise dos tipos de conhecimento, da comunicação e da linguagem, inclusive nos seus aspectos argumentativos.

3 HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL:

A formação histórica do Rio Grande do Sul caracteriza-se pela distinta forma de constituição, pela trajetória que apresentou no decorrer da história, em relação às outras regiões do país.

O território sul-riograndense não foi logo atingido pela divisão do Brasil em Capitâneas. Durante longos anos, permaneceu ocupado pelos indígenas. Somente por volta de 1737 é que o governo português resolveu ocupá-lo militarmente.

Em 1807, juntamente com Santa Catarina, constituiu-se em Capitania, até 1822, quando recebeu a denominação de Província do Império e, com o advento da República, em 1889, a de Estado da Federação.

Luiz Roberto Targa (Gaúchos e Paulistas: dez escritos de história regional comparada, 1996, p. 26) demonstrou que as lutas geradas pela existência da fronteira meridional produziram uma sociedade diversa da brasileira. Mais precisamente, apontou a fronteira não apenas como uma das causas diferenciadoras da formação social sulina, mas, sobretudo, como o elemento principal da sociedade rio-grandense, por excelência.

De sua condição de fronteira em guerra derivou um conjunto de peculiaridades estruturais da sociedade gaúcha em relação à do Brasil: sua estrutura de propriedade de terra, suas classes sociais rurais, bem como a relação que suas lideranças possuíam com os

integrantes do feudo econômico de outras regiões e com o governo imperial. E conclui-se que teve uma “Sociedade Inédita” que se colocou problemas novos no contexto de transição do escravismo para o capitalismo.

A formação da história do Rio Grande do Sul, a partir da fronteira em guerra, foi um aspecto que esteve presente em toda sua trajetória, apresentando outros elementos que a caracterizavam de forma original, entre os quais o encaminhamento de sua produção para o mercado interno e uma peculiar estrutura fundiária.

“Em nenhuma outra área do país a estrutura de terras apresentou, de um lado, uma região de grandes propriedades (latifúndios pecuaristas) e, de outro, uma região de pequenas propriedades (região colonial policultura-pecuária). Essa estrutura original teve sua raiz na situação fronteiriça do Rio Grande do Sul”. (HILAIRE, 1996, 220)

Ignorado durante todo o século XVI, o Rio Grande do Sul passou a ser procurado no século XVII pelos jesuítas, os primeiros a se estabelecerem em seu território, envolvidos em uma ação missionária e no processo de expansão política dos estados europeus. Com o abandono jesuítico da região em 1640, o gado criado nas reduções se reproduziu na região pampeana, constituindo o que foi considerada a base econômica do território gaúcho: a preia do gado xucro.

A região platina, desde o século XVII, representou a área onde as esferas de influência do colonialismo português e espanhol se encontravam e a incorporação definitiva do RS se deu por razões político-econômicas mas, também, e fundamentalmente, por razões estratégico-militares.

Então, as missões portuguesas enviadas para o sul serviram para estabelecer núcleos de povoamento e postos militares, como foram as expedições de João Magalhães em 1723,

que estruturou as primeiras sesmarias nas margens da Lagoa dos Patos, estabeleceram os primeiros currais de criação e fundando na área da atual cidade de São José do Norte um posto militar. Na ocasião, o brigadeiro José da Silva Pais, em 1737, e estabeleceu o forte Jesus-Maria-José na área da atual cidade do Rio Grande.

O povo gaúcho se formou da alma heróica dos bandeirantes, da energia espanhola e do sentimentalismo açoriano. O solo rio-grandense perdeu, durante três séculos, o contato racial com o Brasil. Esquecido e sempre adiado o seu povoamento, os próprios indígenas se concentraram no Império das Missões, que, destruído, também dizimou a população indígena.

3.1 Surgimento das estâncias:

Jean Roche (A colonização Alemã e o Rio Grande do Sul, 1996, p. 34) definiu que, no Continente de São Pedro, a estrutura fundiária foi a principal característica da sociedade sulina, onde vinculava certas características da formação regional, como o caráter militar do povoamento e a pecuária como atividade econômica básica, no período inicial da colonização, que definiram as formas de ocupação e povoamento da terra. Ainda, uma sociedade essencialmente sob o regime de latifúndios. A posse de uma sesmaria significava, portanto, ponto de partida para a obtenção do poder econômico, político e social.

“A década de trinta do século XVIII marcou o começo do processo de distribuição de sesmarias. Tropeiros e militares passaram a receber terras da Coroa, dando início à caracterização da propriedade da terra e do gado, com o aparecimento das estâncias. O critério fundamental para que fossem concedidas as sesmarias foi a prestação de serviços militares. Uma análise do sistema de distribuição de terras no Rio Grande do Sul indica a origem da extrema concentração de terra e gado, no século XVIII e XIX, efetuada via processos extra-econômicos”. (ROCHE, p. 34, 1969).

Tendo como objetivo a defesa da fronteira e a consolidação das vantagens obtidas através de campanhas bélicas, o governo português concedia propriedades aos militares que estabeleciam estâncias na Campanha, ao longo da fronteira sudoeste do atual estado do RS. O governo colonial se valeu da concessão de sesmarias, de duas, três e até mais léguas de superfície, como instrumento para vincular os povoadores a essa vasta área de domínio periclitante. Desta forma, verificou-se uma rápida e avassaladora ocupação de terras no território gaúcho, num processo de extrema concentração de propriedades . Inúmeros depoimentos da época revelaram a origem da formação dos enormes latifúndios na Campanha, onde se organizavam empresas pastoris dos grandes estancieiros, ao lado de uma massa considerável de outros povoadores desprovidos de terra e que se tornariam mão-de-obra barata para as tarefas mais rudimentares da atividade pecuária.

A concessão de sesmarias transformou o proprietário rural em grande senhor. A distribuição de terras trouxe uma casta: o estancieiro. A estância é a célula social do Rio Grande. Dela nasceram as expressões econômicas e morais do povo.

Absorveu tudo que lhe ficava em derredor. Homens, produção e a pequena economia. A falta de pequena propriedade trouxe aos estancieiros um poder condutor e orientador na política e na economia local. A estância é um feudo livre e popular. Dela, com suas aglomerações e fortuna, dependeu a sorte da Revolução Farroupilha, na qual teve como base os senhores de terras à frente da guerra.

3.2 O papel da pecuária no povoamento gaúcho:

Foi a capitania de São Vicente , doada a Martim Afonso de Sousa que, em 1538, recebeu os primeiros exemplares de bovinos trazidos para o Brasil, e que deveriam constituir a origem do gado rio-grandense.

Em 1555, os irmãos Vicente e Cap. Góis introduziram no Paraguai o gado bovino. Trazidos alguns exemplares para os campos da margem esquerda dos rios Paraná e do Prata, essa criação teve um prodigioso desenvolvimento. Ao findar o primeiro quartel do século XVII, grande quantidade desses animais povoou os ricos campos rio-grandense e uruguaios. Também foram trazidos do Peru, um pouco mais tarde, grandes manadas de cavalares.

As conseqüências do rápido desenvolvimento pastoril se fizeram sentir através da transformação verificada nos hábitos da vida dos Charruas, tornados cavaleiros, e na formação do acampamento de Faeneros, castelhanos das barrancas orientais do rio da Prata.

Os Faeneros, também portugueses, davam caça ao gado xucro ou chimarrão, para aproveitar o couro e o sebo. Ao lado dos Faeneros surgiram os Changadores, habitantes clandestinos das campanhas, aliados dos Charruas, que não admitiam qualquer obediência ao governo castelhano de Buenos Aires. Os changueadores, com os Charruas, produziram graxas e couros, comercializando no estuário com os navios portugueses, ingleses e franceses, ali chegados.

A campanha, desde a serrilhada Central do Rio Grande do Sul até Montevideú, começava a ser habitada pelos predadores paulistas, empenhados a fundo na produção de couros e graxas com que abarrotavam os navios. À medida que os rebanhos se ampliavam, a região conquistava novas formas de vida, logrando uma paisagem social e econômica diversa e expressiva.

Com a finalidade de alimentar milhares de índios das reduções jesuíticas, por sugestão do padre Cristóvão Mendonça, propuseram-se a adquirir no Paraguai uma tropa que viesse ser a base do rebanho a desenvolver-se nas Missões.

Foi assim que, em 1634, o próprio Padre Cristóvão Mendonça conduziu, desde as esplanadas paraguaias, uma tropa de 1500 cabeças, compradas ao fazendeiro português Manuel Cabral Alpõem. Este gado foi distribuído em números de 99 cabeças para cada redução.

A excelente qualidade das pastagens e o ambiente propício possibilitaram a rápida multiplicação do gado. Os padres das reduções capturaram algumas reses e levaram-nas para o litoral, ao norte de Montevideú, constituindo, então, a Vacaria do Mar e Vacarias dos Pinhais. Novamente, investiram os paulistas contra as reduções, destruindo a Vacaria dos Pinhais, não obstante a pertinácia dos clérigos em resistir aos ataques bandeirantes.

Com o interesse de paulistas no gado gaúcho, aparecem as primeiras tropeadas, que tinham como objetivo levar o gado para venda em São Paulo. Por este fato, começa a desenvolver nestas pastagens atividades pecuaristas, que constituíam uma das riquezas potenciais da época. Iniciou-se a abertura de estradas e pontes por onde cruzavam grandes manadas de gado, provenientes do Sul.

Em 1731, coube a tarefa da abertura de estradas por terras entre São Paulo e o Rio Grande a Cristóvão Pereira, apontado nesta época como o maior tropeiro de gado e cavaladuras, atributo este confirmado em razão de ter conduzido, em uma só de suas viagens, oitocentas cabeças de gado vacum e de cavaleiros, das coxilhas rio-grandense até São Paulo.

Foi, sem dúvida, uma tarefa ingente, difícil e melindrosa, já que obrigou a construção, em pleno sertão, de mais de trezentas pontes e pontilhões, necessários à consecução dos propósitos de Pereira.

Em consequência das tropeadas de São Paulo ao Rio Grande, começa a transformar mineradores e sitiantes em tropeiros invernadores, criadores e comerciantes de gado num intercâmbio ativo com os mercadores do extremo sul de Sorocaba.

Saint- Hilaire (Viagem ao Rio Grande do Sul- 1820/1821, 1935, p. 223) acrescenta que os rendimentos para o governo eram consideráveis, além de representar uma atividade econômica muito lucrativa, exercia também, papel expressivo na consolidação da unidade de interesses econômicos e comerciais que logrou promover.

Desta forma, são dados os primeiros passos na povoação do Rio Grande do Sul, palmilhados do norte até o sul.

4 O CORREIO

A história do Correio flui paralela à civilização.

Os primeiros humanos que viveram sobre a terra tentavam expressar-se desenhando, nas cavernas, figuras de animais. Procuravam também se comunicar através de sons inarticulados, tentando talvez repetir o que ouviam das feras.

Ao longo dos anos, as inovações e descobertas foram surgindo.

O serviço postal internacional continuava a ser regido por normas esparsas em diversos países quando, em 1840, a Inglaterra promoveu uma reforma postal, que unificou as taxas das cartas internas e criou o selo postal adesivo.

Buscando um denominador comum no sentido de agilizar a circulação da correspondência e das taxas, o diretor geral do Correio dos Estados Unidos, organizou uma conferência em Paris, em 1863, com a adesão de 15 países.

Como resultado, o governo suíço convocou o congresso de Berna, em 1874, criando-se a União Postal Universal.

Já no Brasil, o correio foi instituído em 1663, com o Regimento de 25 de janeiro. Nessa época, o serviço de correio era feito por escravos, tropeiros e mançõeiros, os nossos primeiros correios.

No Sul, surgem os chasqueiros ou próprios, que eram pessoas de confiança, tanto de governos e de fazendeiros, para levar “chasques” a outras cidades e estâncias.

O chasque era a mensagem, carta, aviso, recado, desafio. Ainda, a pessoa que se despacha levando uma mensagem era conhecida como estafeta ou próprio. O mesmo que “chasqui”, vem do quíchua, que significa correio.

“Um mês decorreu sem recebermos notícias; do exército sabíamos pelos jornais e por uma ou outra correspondência da cidade; mas, os chasques não saíam da estrada, entre a nossa e as estâncias vizinhas, cujos donos também tinham parentes na luta”. (MAIA, Alma Bárbara, RJ, Pimenta de Melo & C., 1922, p. 76)

Em 20 de janeiro de 1798, foi criado o primeiro correio marítimo regular entre Portugal e Brasil, bem como correios terrestres entre os principais centros econômicos do Brasil e com o interior das Capitânicas.

Um regulamento provisional para o novo estabelecimento de correio foi publicado em 1º de abril de 1799. Já em 22 de novembro de 1808, foi criado o primeiro regulamento postal brasileiro.

O mensageiro postal Paulo Bregaro, em 1822, entregou em São Paulo ao então Príncipe D. Pedro a mensagem da Princesa Leopoldina, de que resultou nossa Independência.

Em 03 de março de 1829, foi reorganizado o Correio Geral, em cujo Regulamento postal foram introduzidos modernos subsídios aos trabalhos, com a finalidade de dotar o público de meios mais rápidos e seguros. Também neste regulamento encontra-se a determinação Real de criar, em todas as capitânicas das províncias, uma Administração de Correios.

No governo de Dom Pedro II, os Correios do Império sofreram reforma de base e nessas importantes modificações duas bases delas se destacaram: a criação do selo postal, em 29 de novembro de 1842 e seu lançamento em 1º de agosto de 1843, os famosos “Olhos de

Boi”. A criação dos quadros de Carteiros dos Correios da Coroa, para distribuição de correspondência nas capitais e grandes cidades, em 1842.

Em 1877, o Brasil tornou-se membro da União Postal Universal.

O último regulamento dos Correios no tempo do Império (1888) trazia em um dos seus artigos uma medida importantíssima: o Monopólio Postal.

Em 1925, o Brasil adotou o franqueamento mecânico.

Em 25 de março de 1925, partindo do Rio de Janeiro com destino a Buenos Aires três aviões conduzindo malas do correio iniciaram o serviço postal aéreo do Brasil para o exterior.

Em 26 de dezembro de 1931, houve a fusão da Diretoria Geral dos Telégrafos, resultando o Departamento dos Correios e Telégrafos (DCT).

Em 1941, foram introduzidas no serviço postal duas máquinas de triagem mecânica de correspondência, denominada Transorma.

Em 20 de março de 1969, o DCT foi transformado em empresa pública com a denominação de Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, ECT, que sob novas diretrizes empresariais transformou o antiquado Correio, num dos mais confiáveis do mundo.

4.1 O Correio no Rio Grande do Sul:

Em 12 de dezembro de 1831, foram criadas, oficialmente, 15 agências postais no interior: Alegrete, Bagé, Caçapava do Sul, Cachoeira do Sul, Cruz Alta, Pelotas, Piratini, Rio

Grande, Rio Pardo, Santa Maria, Santo Antônio, São Borja, São Gabriel, São José do Norte e Triunfo.

Durante a Revolução Farroupilha, o Correio do Rio Grande do Sul foi rigorosamente organizado e dividido em várias jurisdições como Piratini, Cachoeira do Sul, Rio Pardo e Alegrete, e eram dirigidas pelo Administrador Geral dos Correios da República Rio-grandense, com sede principal em Caçapava do Sul.

Também no século passado, principalmente na região da fronteira, havia sistema bem organizado de transportes de diligências interligando inclusive o Uruguai.

Nas outras regiões o meio mais desenvolvido era o fluvial e tanto em um como em outro serviço postal utilizava-se para o transporte de correspondências.

O transporte ferroviário de malas teve início em 1874, quando foi criada a linha férrea entre Porto Alegre e São Leopoldo.

Em 3 de fevereiro de 1927, o avião Atlântico Varig, iniciava o transporte de malas postais, entre Porto Alegre e Rio Grande.

Em 1942, inaugurou-se a linha para Montevideú e logo depois Buenos Aires. Esta companhia aérea sempre esteve ligada ao transporte aéreo postal e a filatelia, pois chegou a emitir seus próprios selos.

Ainda no transporte aéreo, outra data é digna de registro, 7 de outubro de 1974, quando o Estado ficou interligado a todo o país pela RPN (Rede Nacional Noturna) utilizando aviões comerciais fretados pela ECT possibilitando a entrega no dia seguinte ao da postagem, da correspondência postada e destinada às capitais e aéreas metropolitanas.

Porém, o interior dos municípios gaúchos, enfrentava uma dificuldade de comunicação com a cidade, ou até mesmo com os vizinhos rurais.

A primeira Agência Postal de Porto Alegre, data de 1798 e localizava-se na esquina da Rua dos Andradas com a Rua Marechal Floriano. A segunda, sem data precisa de início e término, funcionou na Rua Caldas Júnior, esquina com a rua 7 de Setembro.

Em 16 de fevereiro de 1891, a agência dos Correios localizava-se nas margens do Rio Guaíba, hoje rua General Câmara esquina com a rua Siqueira Campos, ali permanecendo até 1902, quando mudou-se para rua 7 de setembro, esquina com a Uruguai, onde hoje localiza-se o Banco do Brasil.

No dia 24 de fevereiro de 1911, era lançada a pedra fundamental do edifício dos Correios e Telégrafos, inaugurado em 21 de abril de 1914.

Este edifício foi projetado por Theodoro Wiederspahn e construído por João Vicente Friedrich e Rodolfo Ahrons, este nascido em Porto Alegre em 1869 e formado em 1895 na Escola Politécnica de Berlim.

Especialmente sobre o edifício antigo dos Correios e Telégrafos podemos dizer que pela diversidade de estilos da fachada percebe-se que vários artistas trabalharam nesta obra e entre eles são conhecidos o alemão Forberger, que executou o Atlas do frontispício, o espanhol Jesus de Maria Corona e o alemão Franz Rademacher.

Hoje, neste prédio histórico, estão instalados uma Agência Filatélica, alguns serviços e uma vasta estrutura cultural: Biblioteca, sala Histórica, espaço para exposições, além de atividades de lazer.

4.2 O correio no interior de Bagé:

Com uma necessidade de comunicar-se e a ausência de serviço oficial, ao longo das distâncias que separavam as Palmas, interior da cidade de Bagé, das cidades, levaram os particulares a criarem o seu correio, pelos anos 20 ou 30. O correio particular era alguém incumbido de ir à sede do Município levar e buscar correspondência e os jornais, especialmente o Correio do Sul e Correio do Povo. Estes eram os veículos de contato com o mundo, visto que rádio não existia e, quando surgiu, o privilégio de pouquíssimos fazendeiros, como Favorino Gonçalves Dias, Ivo Collares, Manoel Cassão, João Collares. Não é de esquecer que no interior de Melo, no Uruguai, suíça americana, em 1927, o rádio era novidade. A respeito, vale a pena transcrever o Diário de Cecília Assis Brasil, de 03 de junho de 1927, escrito na Chácara de Melo, quando lá estava exilado Assis Brasil.

“O Yañes recebeu uma Radiola 20, ontem mandada de Montevideu pelo senhor Farinha de Zorrilla, com instruções para nos mostrarem como funciona. Hoje, quando passamos por lá, eles nos chamaram, mas só pudemos ouvir uns roncões prolongados e, lá de vez em quando, depois de alguns estalos, a melodia distante de um tanguinho fanhoso. O velho Ron estava desolado”. “Es um dia fatal, señoritas”, repetia ele”. (pág. 125)

No dia 9, anotava:

“Os homens do Yañes vieram fechar o negócio da radiola. Pagamos 200 pesos pelo aparelho, autofalantes, baterias, pilhas, antenas, pára-raios, enfim toda a instalação”. (pág. 125)

Mas voltando ao correio, os interessados faziam a assinatura (15 mil réis, nos anos 30), ou seja, pagavam uma assinatura mensal ao indivíduo que semanalmente fazia o trajeto a cavalo, até Bagé ou até o Seival, onde havia uma estação férrea, ou ia a ambos os lugares.

O “Correio da Pedra Grande” - João Gonçalves de Oliveira- saía às quintas-feiras e voltava aos sábados. A pousada habitual era na estância de Paulino Sá. Almoçava no Serafim Dias ou no Maurício Campos. A trotesito, com a bruaca de Couto na garupa e à meia espalda a bolsinha com as cartas. Tudo bem protegido do sol e da chuva.

O correio era uma pessoa estimada e esperada ansiosamente. Constituía-se em portador de novidades. Trazia notícias que os jornais e as cartas não registravam. Era um comunicador, a seu modo e no tempo.

O João “Correio” - Gonçalves de Oliveira- foi destaque. Preto bonachão, tranqüilo, pontual e respeitador; casado com a Julieta, bem mais moça e que assim depõe:

“- Quando ele resolveu casar, foi bem pensado. Com o dinheiro do correio dava para viver, porque a gente colhia muito mantimento, como milho, feijão, mandioca, abóbora e batata. Eu ficava preocupada que acontecesse alguma coisa com ele, ainda logo que a gente casou. Uma vez roubaram o cavalo dele, lá na Arvorezinha”. (PIRES, 1192, pág. 126)

Cândido Pires (Palmas da Gente, Guardados da Memória, p. 126, 1992) acrescenta que o João foi do Correio desde 1933 ou 1934 e, nos últimos anos, depois dos anos 50, andou de ônibus. A cavalo, chegou a prestar serviços para a zona do Malcriado, por pouco tempo.

Antes dele, na Pedra Grande, foi correio o Erasmo Fernandes e um outro, João, parece que de sobrenome Rodrigues, ligado aos Collares.

Francisco Boneval Paiva foi Correio por volta de 1923, de Correio passou ao exército e chegou ao posto de sargento.

A criação do correio das Palmas deu-se pela distância que havia entre a localidade até a cidade. Nos anos 30 e 40, era um acontecimento ir até Bagé. Significava viajar, porém, quando era caso de doença e morte que se ia “as Lavras”, até por ser mais perto.

A viagem para Bagé era preparada e comentada por vários dias, até um mês e mais. Esperada e alimentada com curiosidade. O normal era ir a cavalo, ao longo de doze léguas.

Por dois, três ou mais dias, o cavalo era adelgado; tinha de perder peso, pela diminuição da barriga. Só assim, ficava com bom conforto, com bom trote e sentia menos a viagem.

5 O RÁDIO

O rádio é um dos mais importantes meios de comunicação de massa. Permite o envio de palavras, música, códigos e outros sinais de comunicação através do ar a qualquer parte do mundo. Graças ao rádio, pode-se também se comunicar com o espaço exterior.

O desenvolvimento do rádio no final do século XIX revolucionou as comunicações. Naquela época, dispunha-se de dois meios de comunicação rápida, a longa distância – o telégrafo e o telefone. Mas os sinais enviados pelos dois aparelhos se propagavam através de fios. Em consequência, a comunicação telegráfica e telefônica só era possível entre as localidades ligadas por cabos. Mas os sinais de rádio se propagavam pelo ar. Portanto, o rádio permitia que as pessoas se comunicassem rapidamente entre quaisquer pontos na terra, no mar e- mais tarde- no céu e no espaço.

A utilização mais conhecida e mais ampla do rádio é a radiodifusão. As emissoras de rádio transmitem música, notícias, discussões, entrevistas, narrações de acontecimentos esportivos e anúncios. Muitas pessoas acordam com radiodespertadores e dirigem-se para o trabalho ouvindo rádio em seus automóveis. Outras, nas horas de lazer, ouvem seus programas de rádio favoritos.

A radiodifusão já exerceu um papel tão importante no campo do entretenimento quanto o desempenho atualmente pela televisão. Da década de 1920 à década de 1940, as famílias se reuniam em volta de aparelhos de rádio todas as noites. Escutavam peças, novelas, comédias ligeiras, variedades, músicas e outros tipos de programas. Esse período, chamado algumas vezes fase áurea do rádio, terminou com a ascensão da televisão na década de 1950.

Paralelamente à radiodifusão, o rádio tem grande variedade de funções. Pilotos de avião, astronautas, trabalhadores em construção, fazendeiros, policiais, marinheiros, soldados, motoristas de táxi e muitos outros profissionais utilizam o rádio para comunicações mais rápidas. Cientistas enviam ondas de rádio ao espaço a fim de se informarem sobre o tempo.

Companhias telefônicas e telegráficas transmitem mensagens pelo rádio, assim como pelas linhas telefônicas e telegráficas. Muitas pessoas operam suas estações de radioamador.

A radiodifusão, que começou em grandes escalas na década de 1920, causou grandes transformações no cotidiano das pessoas. Pela primeira vez, foi levada uma grande variedade de entretenimentos para dentro dos próprios lares. A radiodifusão também passou a permitir que as pessoas tomassem conhecimento dos fatos no momento mesmo que ocorriam ou pouco depois.

O desenvolvimento do rádio resultou da contribuição de muita gente, e sua invenção não pode ser atribuída a uma única pessoa. Guglielmo Marconi, físico alemão, transmitiu os primeiros sinais de radiocomunicação em 1895. Atualmente, ondas eletromagnéticas provenientes das estações de rádio e de outras fontes enchem o espaço que nos cerca.

As transmissões de radiodifusão se originam nas emissoras de rádio. Há pelo menos uma emissora em cada país. No total, existem mais de 24 mil emissoras e cerca de 881 milhões de aparelhos de rádio, o que resulta em uma média de um aparelho para cada quatro pessoas.

O principal motivo para a ampla utilização do rádio é sua portabilidade. Alguns rádios são grandes e funcionam ligados a tomadas de corrente elétrica. Normalmente, estão presentes em residências onde a eletricidade está disponível. Milhões de rádio são pequenos e leves e funcionam em todos os lugares- casas, praias, piqueniques e mesmo nas ruas. Os rádios também são muito usados nos automóveis. Em muitas residências onde não há eletricidade, os rádios portáteis são uma das únicas ligações da população com o mundo exterior.

A programação das emissoras varia de país para país. Mas, em todos os lugares, a maioria dos programas visa basicamente ao entretenimento, enquanto os restantes são dedicados à informação.

5.1 O assovio

Até o aparecimento do rádio a pilhas que, aos poucos, silenciou o assovio, o som deste belo “instrumento” natural estava presente em todos os lábios nas atividades diuturnas de limpar galpões, varrer casas e terreiros, botar vacas, tirar o leite, fazer queijos, cortar lenha, estender camas, despejar penicos, espantar algum medo, afugentar tristezas, desviar os maus pensamentos de cada um através das músicas que assoviavam.

Afora isso, o homem rural usa o assovio para chamar os cachorros ou instigá-los a rastejar a caça desejada, chamara atenção de outras pessoas, embretar o gado e ovelhas, espantar as galinhas da plantação, arrear tropas, lidar com potros, comandar os bois mansos e cavalos, encerrar terneiros e vacas mansas, etc...

O que chama a atenção, é que nessa imensa campanha as variações que existem nesse código são ínfimas, insignificantes tal é a semelhança em todos os lugares e a definição de suas características para cada espécie animal que o homem comanda no seu dia-a-dia.

“Lastimamos que esse veículo tão importante, que é o rádio, tenha dado espaço para tantas programações de mau gosto que monopolizaram a atenção da gente humilde do campo, silenciando desta forma, essas manifestações tão verdadeiras da alma de cada um através do assovio.” (Eron Vaz Mattos, Aqui Memorial dos Olhos D’água)

5.2 Primeiros tempos

O rádio, como muitas outras invenções, desenvolveu-se a partir das teorias e experiências de muitas pessoas. Um professor da universidade de Princeton, Joseph Henry, e um físico britânico, Michael Faraday, descobriram uma das primeiras idéias importantes no início do século XIX. Farady e Henry realizaram experiências com eletroímãs. Trabalhando separadamente, desenvolveram uma teoria segundo a qual uma corrente em um fio pode produzir uma corrente em outro fio, embora os dois não estejam ligados. Esta idéia é chamada teoria da indução. Em 1864, o físico britânico James C. Maxwell contribuiu para que a teoria da indução fosse comprovada, ao sugerir a existência de ondas eletromagnéticas que se propagam com a velocidade da luz. Na década de 1880, o físico alemão Heinrich Hertz realizou experiências que provaram a veracidade da teoria de Maxwell.

Em 1895, Guglielmo Marconi, inventor italiano, combinou as idéias anteriores as suas e enviou os primeiros sinais de radiocomunicação através do ar. Utilizou ondas eletromagnéticas para enviar sinais do código telegráfico a uma distância de mais de 1,5 km. Em 1901, o equipamento de rádio de Marconi enviou, através do oceano Atlântico, sinais em código da Inglaterra para a Terra Nova, no Canadá.

No início do século XX, engenheiros desenvolveram diversos tipos de tubos eletrônicos que podiam ser utilizados para detectar e amplificar os sinais do rádio.

Muitos reivindicaram a primeira transmissão da palavra humana através do ar. Alguns historiadores atribuem o crédito ao físico norte-americano Reginald Fessenden. Em 1906, Fessenden falou, pelo rádio, de Massachusetts para navios no oceano Atlântico.

O primeiro uso prático do “sem fio” , como o rádio era chamado na época, foi na comunicação entre navios e de navios a costa. O rádio ajudou a salvar milhares de vítimas de desastres marítimos. O primeiro salvamento envolvendo o uso do rádio ocorreu em 1909, depois que o S. S. Republic colidiu com outro navio no oceano Atlântico. O Republic enviou

um pedido de socorro pelo rádio que atraiu para a área várias embarcações. O rádio também ajudou o resgate dos sobreviventes do naufrágio do Titanic, 1912.

5.3 O Rádio no Brasil:

O Brasil tem mais de 2964 emissoras comerciais e rádio, em 1996, segundo o Ministério das Comunicações.

A primeira emissão radiofônica brasileira, aconteceu em 7 de setembro de 1822, durante as comemorações do centenário da Independência. A emissora da época, tinha programas educativos e culturais e também influenciava várias outras rádios amadoras que apareceram no país ainda na década de 20. Todas nasceram como sociedades ou clubes e, como a legislação proibia publicidade, eram sustentadas pelos associados.

O rádio comercial desponta a partir da legislação da publicidade, em 1932, usado com sucesso para fazer a propaganda a favor da Revolução Constitucionalista de São Paulo. Nesse estado localiza-se quase um terço das estações transmissoras fundadas entre 1930 à 1945. Desde então, as emissoras começaram a se organizar como empresas capitalistas. Com o crescimento da indústria e do comércio, o número de propagandas aumentou. Surgiram os anúncios cantados, os jingles que revolucionaram a propaganda radiofônica. Na década de 30, o Rádio Nacional do Rio de Janeiro entre outras. Nessa época de 30, a rádio abandonou seu perfil educativo e firmou-se como meio popular de comunicação.

Sendo um veículo de comunicação de massa mais eficiente que o cinema e a imprensa, os quais superou rapidamente, o rádio explorou no Brasil o futebol e a música popular. Contribuiu, dessa maneira, para a profissionalização das carreiras de artistas e desportistas.

A rádio Nacional lançou, em plena Guerra Mundial, o Repórter Esso (1941), que inaugurou o Rádiojornalismo Brasileiro. Com a popularização da televisão no final da década de 50, o período de apogeu do rádio chegou ao fim e as emissoras foram a redefinir seus objetivos.

Entre os incentivadores da radiodifusão no país, destacou-se Roquette Pinto, que pretendia transformar o rádio em um instrumento de difusão cultural, o que não conseguiu realizar plenamente.

Mesmo com todo o seu desenvolvimento, de maneira geral, a imprensa foi prejudicada pela rígida censura estabelecida pela ditadura, que criou um órgão especial para esse fim: o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Mesmo assim, foi a imprensa a responsável pelas primeiras manifestações contra o governo do Estado Novo.

O manifesto dos escritores mineiros, em fins de 1943, e o Congresso de Escritores, de 1945, colaboram para o restabelecimento da liberdade de imprensa e para abalar os alicerces do regime ditatorial. Foi nesta época que surgiu o programa radiofônico “Hora do Brasil”, que mais tarde passa a ser chamado de “A Voz do Brasil”.

Eron Vaz Mattos (Aqui, Memorial dos Olhos D’Água, pág. 165, 2003) diz que no início da década de 60, surge na Rádio Farroupilha de Porto Alegre o Rodeio Coringa, que seria o grande marco para a divulgação e projeção da música gaúcha, com a apresentação de Darci Fagundes e Luiz Meneses.

“Com o surgimento do Rodeio Coringa, os habitantes da campanha se reuniam duas vezes por semana nas casas de quem possuía rádio para ouvir esses programas que, como dissemos, ficaram guardados na alma da nossa gente”. (MATTOS, pág. 165, 2003)

O Rodeio Coringa foi responsável pela divulgação de muitos artistas que fizeram sucesso no Rio Grande do Sul e ajudaram a consolidar a música. O programa tinha uma linda abertura com a participação da Dupla Mirim e dos seus apresentadores Luiz Meneses (cantando) e Darci Fagundes (declamando); depois era dividido em “Invernadas” dos gaiteiros, dos Conjuntos, das Duplas, dos Cantores, dos convidados e encerrava com a invernada dos trovadores que despertava grande interesse por parte dos ouvintes. Costumavam frequentar esse espaço grandes trovadores como Luiz Miller, Portela Delavi, Gato Negro, etc...

Entre outros artistas pioneiros da música do Rio Grande do Sul estavam a Inezita Barroso, o Pedro Raimundo, O Conjunto Farroupilha e, depois surgiram: os Irmãos Bertussi, Os Gaudérios, Teixeira, Gildo de Freitas, Dupla Mirim, Os Araganos, José Mendes, sendo que todos esses tiveram importantes passagens pelo Rodeio Coringa.

A Censura de Imprensa, instalada para ter uma duração breve, conforme declaração de seus chefes, a ditadura prolongou-se por longos 21 anos, de abril de 1964 a março de 1985.

Os meios de comunicação sofreram uma feroz censura, em muitos jornais os censores trabalhavam em plena redação, liam tudo e tudo olhavam, Alguns jornais resolveram mostrar aos leitores que estavam sobre censura: o paulista Jornal da Tarde publicava receitas culinárias no lugar de fotos ou textos censurados.

Muitos daqueles que tinham contribuído para o sucesso do golpe, agora se colocavam em oposição ao governo ditatorial.

E só nos anos de 1974 à 1979, época de governo do General Ernesto Geisel, e 1979 à 1985, governo de João Figueiredo, começou um processo de abertura gradual.

Nesta fase, surge a “imprensa nanica”, que procura furar o bloqueio da repressão destacando questões sociais e políticas do momento, porém, muitos eram freqüentemente retirados de circulação.

5.4 Tipos de programação e características do rádio AM

Para superar a concorrência com a televisão no início dos anos 60, os profissionais de rádio AM adotam um modelo de prestação de serviços jornalístico e musical. A agilidade na transmissão de informações, principal característica do veículo, tornou-se a qualidade mais explorada pelas emissoras. Nesse ponto, o rádio jamais foi superado pelas emissoras de televisão.

O rádio é, antes de tudo, companhia e diversão, pois pode ser ouvido em qualquer lugar e, geralmente, por uma pessoa só. Praticamente, baseia-se nesses pressupostos, procurando chegar ao ouvinte, ocupando com alguma atividade, de maneira informal e íntima.

É o meio de comunicação ágil, capaz de transmitir informações rapidamente, e tal especificidade tem sido levada em conta na programação de inúmeras rádios que tem dado ênfase ao trabalho de prestação de serviços, transmissões esportivas, coberturas ao vivo e hora de informações.

Mário Erbolato e Júlio Barbosa, afirmam que entre os veículos de comunicação de massa, o rádio foi, é e provavelmente ainda será, durante muito tempo, o mais popular e de maior alcance.

Ao identificar as características do Rádio AM, a essência da programação está voltada para o jornalismo, pois se dedica maior espaço para a notícia, seja através de noticiários regulares ou através de comentaristas e comunicadores especializados nos mais variados estilos de programação.

No Brasil, a rádio AM exerce grande influência sobre o ouvinte, apesar da diversidade do estilo, finalidade e linguagem. O público brasileiro acostumou-se a conviver com a figura do apresentador e que chega a assumir, até mesmo, o papel de protetor dos ouvintes mais necessitados. Inclui-se nesses casos os comunicadores que detém horários diários em

emissoras que primam pelo horário nitidamente popular de suas programações. Por isso acredita-se que o locutor é um semipoderoso profissional cuja voz chega as populações e para orientá-los. Não importa que, para a divulgação da palavra- haja na retaguarda uma equipe de técnicos e de máquinas ou os que comercializam são, em muitas vezes, casos ignorados.

A maioria das emissoras que transmite em AM destina a maior parte de seu horário aos programas voltados para problemas cotidianos do cidadão comum.

Brigas de vizinho, queixa da mulher contra o marido que a espancou, pontapés dado em um galo de estimação, os ladrões de galinha, sinais de arrombamento de uma casa comercial, o motorista de ônibus que não parou ao sinal do passageiro constam no noticiário policial radiofônico.

Em geral, a participação do ouvinte via telefone, carta ou, até mesmo pessoalmente, é uma constante na programação AM Brasileira. Esclarecimentos, pedidos, conselhos, queixas, orientações, tudo é material, pronto para ser divulgado (pelas emissoras e consumido pelos ouvintes fiéis).

As principais características das programações AM são a mobilização, urgente, muita atividade de serviço, comunicadores individualizados, jornalismo atuante, linguagem usual do dia-a-dia, personalizar a audiência , popular, alto uso de estímulos sonoros e prestação de utilidade pública.

Dentro de uma organização de uma rádio, existem várias pessoas que trabalham para seu funcionamento, desde a sua administração até o programa ir ao ar.

Na administração, temos o gerente, subgerente; Departamento de Contabilidade, de notícias, comercial e de esportes. Logo adiante, temos o responsável pela discoteca (ou departamento de discos), pessoa esta encarregada de comprar os discos ou cd's de sucesso.

Na recepção são recebidas as cartas dos ouvintes, avisos e correspondências.

Na parte de programas temos os controlistas, que fazem os controles de áudio. Ainda: repórteres, comentaristas, transmissores (responsável pela transmissão dos programas) e, finalmente, os apresentadores.

5.5 O rádio em Bagé:

O rádio, indubitavelmente, foi um marco de grande significado dentro do contexto cultural da nossa região aqui chegando, juntamente ao aéreo, a partir da segunda metade da década de 40. Naquele tempo não havia emissoras de rádio nos municípios da fronteira, em compensação, sintonizava-se muito bem as potentes emissoras de Buenos Aires, El Mundo e Belgrano e a rádio Carve de Montevideu além da rádio Nacional do Rio de Janeiro que tinham certa preferência entre os ouvintes por transmitir a sua programação em língua portuguesa pois, as pessoas da época, tinham algumas dificuldades de entender o espanhol e com o agravante de não gostarem de “castelhanos”. Nem sempre era possível sintonizar a rádio Gaúcha de Porto Alegre que foi a primeira emissora de rádio do Rio Grande do Sul, fundada em 1927 e nem a rádio Farroupilha da mesma cidade, fundada em 1935, porque estas tinham pouca potência e, como se dizia, dava muita “descarga” e “fugia a onda”.

A rádio, em Bagé, chegou em 1946, não havendo dificuldade para a formação de uma boa equipe, por já existir aqui pessoal competente e com experiência. Aqui existiam dois alto-falantes que funcionavam como pequenas emissoras de rádio. A partir daquela data, realmente as moradias rurais que possuíam rádios, alimentados por baterias, passaram a contar com a companhia definitiva de uma programação radiofônica no aconchego dos seus lares.

A Voz de Bagé, de Vicente Gallo Sobrinho, tinha alto-falantes nas esquinas da Avenida Sete com General Sampaio e com Salgado Filho e na Presidente Vargas esquina Marechal Floriano, por exemplo, apresentava programas de estúdio, com alunas do Instituto de Belas Artes e outros artistas locais, programa esportivo, com Lauro Lima, às segundas-feiras, e o noticiário local e nacional, sendo que, durante a II Grande Guerra, eram apresentados, diariamente, por Otávio Hipólito, um amplo e atualizado boletim com as últimas notícias do conflito, reunindo grande número de pessoas nas proximidades dos alto-falantes.

A Voz do Povo, de João Carlos Champanini, com alto-falantes na Avenida Sete, em frente à Praça Silveira Martins, na Marechal Floriano, esquina General Netto, e no Bairro Getúlio Vargas, por sua vez, além dos noticiários da cidade e esportivo, com Carlos Stechmann e Mário Lopes, aos domingos, reunindo também muitos desportistas junto aos alto-falantes, lançou o rádioteatro, sob a direção de Mário Lopes, e apresentava, ainda, de seu auditório, em prédio ao lado do estúdio, programas com artistas e visitantes.

5.6 Rádio Cultura:

A primeira iniciativa radiofônica em Bagé, coube a uma rede de Pelotas, a Sociedade Difusora Rádio Cultura Ltda, dirigida por Atualpa Dias. O entusiasmo dos bageenses em receberem, em 4 de julho de 1946, uma emissora de rádio, privilégio, até então, apenas de Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande.

Para gerenciar a emissora, foi escolhido Heraldo Duarte, pessoa da maior popularidade e simpatia na cidade, homem há muito ligado aos meios artísticos. O primeiro estúdio foi na rua Dr. Penna, 18, ali permanecendo até a mudança para o prédio próprio, na Avenida Sete de setembro, 672, onde ainda se encontra. Heraldo Duarte criou três espaços radiofônicos ou

programas que ficaram indelevelmente marcados na memória do público ouvinte: A Corrente da Solidariedade, O Céu e o Chão da Querência e o Programa da casa Ramos.

Com o decorrer dos anos, a emissora foi se firmando cada vez mais, procurando seus dirigentes brindar seus ouvintes com programas atraentes. Assim, surgiram programas tradicionalistas, de auditório e de irradiações esportivas, por iniciativa de Mário Lopes e, depois, com Mário Codevilla que, iniciando como setorista do departamento, esportivo, se tornou uma das principais figuras da radiofonia bageense, como narrador, comentarista esportivo e animador de programas.

O maior destaque da emissora foi os avisos para a campanha, que por muitos anos liderou espaços do gênero na cidade. A “Corrente da Solidariedade”, nome do programa, começou junto com a inauguração da rádio, em 1946, e permaneceu no ar até a década de 90. Heraldo Duarte era o responsável pela transmissão, com três horários diferentes, às 7hs, 12h30min e às 17h. Os avisos atingiam todo o interior do município de Bagé e região e serviam de grande utilidade para as pessoas que viviam na zona rural.

O programa da Casa Ramos era levado ao ar logo após a Corrente da Solidariedade em torno das 13 horas, rodando, em média, três músicas gaúchas. Por último o Céu e o Chão da Querência que era um programa de auditório e que iniciou no antigo endereço da emissora à rua Dr. Penna, 111, cujo palco era a sacada do prédio e a platéia ficava assistindo aos músicos e “artistas” em meio ao leito da rua de onde os aplaudiam entusiasmadamente. Em 1952, o Céu e o Chão da Querência passou a ser apresentado no recém inaugurado auditório da emissora, na parte térrea do prédio onde até hoje está instalada.

O Céu e o Chão da Querência permaneceu no ar até o ano de 1961, mas, nos últimos tempos, na Rádio Difusora e com a denominação de Campeireando na Querência. Segundo o Sr. Léo Duarte, filho do fundador da Rádio Cultura, o Céu e o Chão da Querência, deve ter sido o primeiro programa de auditório do Brasil.

Ultimamente, o carro-chefe da emissora tem sido o programa Visão Geral, apresentado ao meio-dia, sob o comando do veterano e versátil radialista Edgard Abib Musa, que, com sua equipe, discute e debate temas da maior atualidade.

A emissora pioneira de Bagé pertence atualmente a Odilo José e Alencar Dal Molim e tem como gerente Vacionir Silva Lopes, que se consagrou como locutor e narrador esportivo de méritos.

5.7 Difusora a Voz de Bagé

Em 27 de fevereiro de 1956, Vicente Gallo Sobrinho concretizou seu sonho de ter uma emissora de rádio. Com os amigos Maurício Infantini, Antônio Fued Kalil, Carlos Poester, Drônico Jacinto Pereira, Heitor Germano, Júlio MagalhãesVieira, Hilma Salgado Fico, Nilo Vaz Cachapuz e Hermes Barreto, constituiu a Sociedade Difusora a Voz de Bagé Ltda.

A emissora foi inaugurada, através de um programa com artistas renomados, o que se tornou uma das suas características, pois, a seguir, passaram por seu microfone os mais famosos artistas brasileiros.

Desde logo, a Difusora conquistou a simpatia e a preferência dos ouvintes bageenses, graças às atrações apresentadas e de seu excepcional som.

Muitas foram as suas inovações, destacando-se a transmissão dos acontecimentos do próprio local; entrevistas gravadas; transmissão das apurações das eleições urna por urna, direto do Fórum; auditório próprio, criação do rádiojornalismo e apresentação de rádioteatro, transmissão de jogos de futebol, inclusive do exterior, programas de auditório com artistas nacionais e internacionais, programas vespertinos para a juventude entre muitas outras criações.

5.8 Rádio Amador

O radioamadorismo teve seu início em 1901, quando Guglielmo Marconi recebeu sinais de rádio emitidos a 300 km de distância, de Cornwall à Terra Nova. Muitos jovens cientistas se interessaram pelo radioamadorismo. Por volta de 1912, devido à existência de um número exagerado de estações no ar elaborou-se uma lei para evitar interferências. Os radioamadores e outras estações particulares ficaram restritos a comprimentos de onda considerados de pouco valor. Mas logo a seguir os radioamadores passaram a enviar mensagens a longa distância. Alguns anos depois da Primeira Guerra mundial, os radioamadores operavam em ondas curtas de rádio para transmissões transatlânticas.

Milhares de pessoas são adeptas de um passatempo interessante e útil. Estes operadores enviam mensagens através de seus aparelhos de rádio para novos amigos no mesmo quarteirão de suas residências ou em outros países. Os rádios servem para comunicação entre a zona rural e cidade ou entre as próprias estâncias. Além de o custo ser menor, os rádios amadores possibilitam a comunicação, que pode ir de uma pequena distância até para outros países.

Os radioamadores enviam mensagens em linguagem comum ou em código internacional. Neste caso, não pode ser compreendido pelo ouvinte desinformado, apenas para quem sabe o código. Parte dessa linguagem especial consiste em grupos de três letras que começam com a letra Q. Estes sinais também economizam tempo e emitem vogais.

Para a constituição de uma estação de rádio amador, compõem-se de uma antena, um transmissor e um receptor. Alguns utilizam estações mais elaboradas que ocupam um aposento inteiro. Outros operam em estações menores em um canto de qualquer recinto. Às

vezes, radioamadores armam seu equipamento a partir de conjuntos tipos “faça você mesmo”. Em geral, porém, a maioria adquire suas estações já montadas.

Este passatempo e auxiliador na comunicação à distância, é o único regulamentado por um tratado internacional. As faixas (canais de transmissão) de radioamadorismo, na maioria dos países, estão entre as frequências de ondas curtas destinadas a navios, aviões, estações de radiodifusão internacionais, forças armadas e polícia.

No Brasil, a licença é concedida pelo DENTEL (Departamento Nacional de Telecomunicações). A atividade dos radioamadores é controlada por portaria do Ministério das Comunicações.

5.9 A recepção de programas de rádio no meio rural

O rádio é habitualmente considerado o meio preferencial de comunicação com a população rural. As razões apontadas são muitas, predominando a do alto número de analfabetismo entre os camponeses. A capacidade de multiplicação rápida das mensagens, atingindo simultaneamente um grande número de pessoas, é outra vantagem lembrada freqüentemente, além de exigir poucos recursos humanos, materiais e financeiros, se comparado com outros meios.

Em relação ao ouvinte dos programas de rádio, existem dois grupos, o público organizado, que são aqueles que mantêm relação com as ONGS e grande público que são os camponeses que estão na área de irradiação do programa mas não se relacionam com nenhuma comunidade.

É bom ressaltar que o conceito camponês é relacionado a pessoas que vivem e trabalham no campo, independente com sua relação de posse com a terra. Em sua maioria são pequenos agricultores ou assalariados rurais, possuem pouca ou nenhuma terra, em grande

parte são sindicalizados e a maioria desenvolve algum tipo de trabalho comunitário. Estão incluídos nesse número homens e mulheres, jovens e adultos.

A mensagem recebida pelos ouvintes deve obedecer a uma estrutura, linguagem e o uso da música. O meio é explorado através das possibilidades como recurso de comunicação. O emissor (o produto e o apresentador) tem como objetivo passar a credibilidade, através dos fatores que interferem na relação com o ouvinte.

A rádio é atualmente o meio de comunicação de maior penetração no campo, ou seja, é o meio ao qual os camponeses têm maior acesso. A grande aceitação do rádio pelos moradores rurais decorre do fato de utilizar-se da oralidade, reproduzindo as formas de comunicação interpessoal. Essa questão não está ligada a alfabetismo, mas a um traço marcante no meio rural, moldado pela natureza das relações pessoais.

O rádio está incorporado ao modo de vida dos camponeses, constituindo-se num dos componentes de fluxos próprios de comunicação das comunidades rurais. A relação, por outros canais, com a fonte produtora do programa cria nos camponeses uma predisposição para ouvi-lo, independente de outros fatores. Tal predisposição é baseada principalmente, no sentido de compromisso.

O rádio é seu principal meio de comunicação com o mundo. E não é uma comunicação de mão única: eles se usam do veículo para se fazer ouvir, mandar sua mensagem, dar opinião. E isso é possível pela estrutura da maioria dos programas que estão abertas e incentivam a participação popular.

Além de fazer parte do circuito de informação, sendo talvez sua fonte principal (e, como qualquer outra fonte, está submetida ao crivo da percepção seletiva e análise crítica).

Como a maioria dos programas de rádio caracteriza-se pela simulação da comunicação interpessoal, desenvolve uma relação de afetividade para com os apresentadores que se transfere para o meio em geral, incluindo o aparelho de rádio e as emissoras. Quanto a estas,

desenvolve-se não só a relação afetiva, mas também a fidelidade, principalmente com as diocesanas, que são identificadas como rádios a serviço do interesse e da educação popular, e em compromissos comerciais ou políticos.

Para as Organizações Não-Governamentais o rádio desempenha um papel predominante de articulações do seu trabalho de base de disseminação em escala mais ampla das suas idéias. Para os camponeses, ele representa muito mais: aprendizagem, assunto de conversa, distração, tribuna popular, companhia, conhecimento dos direitos, consolo no sofrimento, estímulo a organização, crescimento pessoal, comunicação interpessoal.

Outro fator muito importante é a capacidade de constatar a veracidade da notícia, o de tratar de um fato que eles consideram possível. O descrédito dos políticos, aliás, vem da evidência que eles só prometem, mas não fazem. E nesse ponto há muita confusão entre o apresentador, a fonte primeira da notícia e o veículo.

Há uma idéia bastante difundida de que as notícias que são dadas no rádio são lidas no jornal impresso. Nesses casos, o rádio se beneficia na credibilidade dos impressos.

6 POMBO CORREIO

“Você abre a porta do viveiro, ele sai voando. Você o chama, ele volta. E não é preciso treiná-lo para isso”.

Em tempos de telefonia celular e de Internet, ainda existem pessoas que lutam para conservar um meio de comunicação utilizado no início do Século 20: o pombo-correio.

Há 500 anos, Pero Vaz de Caminha mandou para D. Manuel, rei de Portugal, através de um pombo-correio, uma importantíssima informação: o descobrimento do Brasil; como era nossa terra, "onde tudo o que se planta, dá". De lá pra cá, a informação foi ficando cada vez mais moderna e rápida. Apesar disso, ainda hoje, temos problemas básicos de comunicação.

Do pombo-correio à Internet, a humanidade venceu muitas etapas. Da romântica forma do recado amarrado ao pé de uma ave, passamos pelos pergaminhos entregues a pé, pelos escravos; pelo telefone; pelo telex; pelo fax e chegamos à rede de computadores. E isso nos dá a seguinte visão: à moda antiga ou moderna, teremos de estar sempre informados. Pois aqueles que tiverem o controle das informações serão os herdeiros do novo mundo.

Existem dois grupos principais de pombos, selvagens e domésticos. Os pombos domésticos são criados pelo homem.

Os cientistas julgam que a maioria dos pombos domésticos descendem dos selvagens pombos-dos-rochedos. Muitas destas aves diferem acentuadamente de seus ancestrais selvagens. No entanto, quando um pombo doméstico volta à vida selvagem, seus descendentes, após várias gerações, tornam a se essemelhar aos ancestrais selvagens. Por exemplo, os pombos das cidades, descendentes selvagens de certo número de linhagens domésticas, parecem-se com os pombos-dos-rochedos.

O homem, provavelmente, começou a criar pombos há milhares de anos passados. No decurso dos séculos, os criadores, com finalidades diversas, desenvolveram numerosas linhagens de pombos. Assim, forma criados pombos de corrida, pombos de recreação e pombos de exibição.

Fundada em junho de 1973, no Parque Antônio Coelho, bairro do Cordeiro, a Associação Columbófila do Recife (ACR) quer recuperar o vigor de quando nasceu, na época em que Pernambuco era o Estado com o maior plantel do Brasil. Hoje, o objetivo do presidente da ACR, o arquiteto Daniel Villares, é aumentar o número de sócios para realizar competições entre os animais, segundo ele, o melhor momento que os pombos podem proporcionar aos criadores.

Para chegar à marca de mil pombos, como na década de 70, Villares garante ter encomendado novas unidades:

“Atualmente, contamos com cerca de 200 aves, mas estou refazendo a criação com pombos que virão de Belo Horizonte, Fortaleza e Goiás. No próximo ano, já poderemos ter as primeiras competições de pombos-correio num trajeto de curta distância”. (2002)

Segundo ele, fora as capitais citadas, as cidades de Natal, João Pessoa, Blumenau (SC), São Paulo e Rio de Janeiro também permanecem com a cultura do pombo.

Há mais de 30 anos, os pombos-correio são a paixão do arquiteto. Desde pequeno gosta de criá-los. Já chegou a ter 300 exemplares, em que também se incluíam outros tipos de pombo, feito o ornamental. E de tanto as pessoas perguntarem como criá-los, acabou lançando um livro sobre o assunto em 1985, ensinando todos os passos: alimentação, treinamento, modo de reprodução, tipo de pombal e cuidados com a saúde do bicho.

Pelas qualidades e confiabilidade de seus vôos, os Pombos-Correio são usados até hoje para ajudar em certas atividades específicas. Na França e Inglaterra são criados em laboratórios de análises clínicas e depois levados a hospitais, onde aguardam missões de emergência. Transportam sangue e hemoglobina em cápsulas presas nos pés ou em bolsas amarradas no ventre. São alternativas mais rápidas e econômica para esses exames urgentes. Devido a sua visão de 360 graus, os EUA os usam para acharem naufragos, ficam em um helicóptero, numa caixa transparente em posição estratégica. Percebem logo quando há alguém perdido no mar e sinalizam batendo com o bico num pino, atitude aprendida por condicionamento.

Mas não precisa ter o animal há muito tempo para apegar-se a ele. É o que afirma o radialista Francisco Mendonça, que cuida de 11 pombos há quase dois anos, sendo um dos sócios mais recentes da ACR:

“Gosto de tê-los em casa porque não dão trabalho, são quietos e não gostam de incomodar a vizinhança. Além disso, demonstram-se altamente fiéis. Sou capaz de enviar dinheiro do meu trabalho até a minha casa por ele, sem medo, porque posso soltá-lo em qualquer lugar que ele vai direto para lá”.

Francisco Mendonça ressalta a confiança nos pombos, exibindo dois papéis que “Campeão”, um dos mais inteligentes de sua cria, trouxe amarrados na sua pata do município de Pesqueira até o bairro do Prado, no Recife, onde o radialista mora. Foram 10 horas de vôo para realizar um percurso de 214 quilômetros:

“Aceitei este desafio há dois meses, quando um grupo de estudantes do Cefet (antiga Escola Técnica Federal) pediu para levar o Campeão até Pesqueira, duvidando que ele realmente iria retornar à minha casa. O pombo foi solto às 7h e chegou aqui por volta das 5h da tarde, com os papéis presos à pata”. (LOURENÇO, ZERO HORA, nov/02)

Quem tiver interesse em criar um pombo-correio, para garantir uma comunicação segura, caso o e-mail falhe, o telefone dê linha cruzada ou o celular seja roubado, a dica é comprá-lo com, no máximo, 40 dias de vida. Porque se alguém lhe vender um pombo-correio já crescido e disser que, se cortar as asas do animal, ele não voará, desconfie, pois o pombo-correio sempre retorna ao local onde nasceu.

Os tipos populares de pombos criados como fontes de alimento são o *pombo-carneaux*, o *pombo-dragão*, o *pombo-maltês branco* e o *pombo-rei-branco*.

O homem emprega *pombos-correios* para conduzir mensagens, assim como em competições de corridas. Estes pombos, mesmo a grandes distâncias de seus pombais de origem, apresentam notável aptidão para achar seu caminho de volta. Os *pombos-portadores* são também utilizados para transportar mensagens. Estas aves grandes e velozes têm excrescências carnosas de pele, conhecidas como papadas e barbelas, ao redor do bico e dos olhos.

Nas exposições circenses são apresentados, por vezes, espetáculos de linhagens de pombos de criação especial. Em tais exposições costumam aparecer o *pombo-de-cauda-em-leque*, o pombo-rolador, que realizam acrobacias no ar. Um tipo doméstico, a *rola-de-anel*, que realizam acrobacias no ar. Um tipo doméstico, a *rola-de-anel*, tem antepassados desconhecidos.

O Pombo-Correio é uma raça especial de pombos adaptados para corridas e para o transporte de mensagens. Estas aves podem ser treinadas para regressar a seu pombal. Estas aves podem ser treinadas para regressar a seu pombal de origem quando soltas em algum lugar distante. Esta capacidade de retorno ao pombal de origem tem sido grandemente incrementada pela criação seletiva. Como todos os demais pombos domésticos, os pombos-correios descendem do *pombos-dos-rochedos*, que vive em estado selvagem na Europa, Ásia e África.

O seu vôo é charmoso e por ter uma excelente resistência, é considerado o atleta do espaço. O Pombo-Correio tem por objetivo vencer os campeonatos no menor espaço de tempo.

Sua alimentação é composta por uma mistura de grãos e come aproximadamente 30 gramas por dia .

A Competição consiste em levar os pombos até o local determinado, neste local, são soltos os Pombos de todos os Columbófilos participantes da “Corrida” e assim todos os pombos voltam para seus respectivos viveiros. Quando os Pombos chegam, o Columbófilo tem que registrar a “Chegada” dos seus Pombos em um relógio especial, marcando a hora, os minutos e os segundos. Este relógio depois será levado para Sociedade de Columbofilia para serem abertos e por fim saber qual o criador é o vencedor da corrida. Os Columbófilos criam um sentimento tão íntimo, que consegue identificar quais as aves que estão com ótimas condições, quais estão com problemas e qual tem mais chances de vencer uma competição. Este sentimento favorece uma comunicação entre os Columbófilos, criando-se uma amizade sincera e esportiva entre eles. Também se desfruta de uma grande emoção ao ver chegar o Pombo depois de horas de vôo e de um enorme esforço realizado.

6.1 Capacidade de regressar ao pombal de origem

Ninguém sabe exatamente como e porquê pombos e outras aves acham o caminho certo, ao atravessarem territórios estranhos, para voltarem ao lar de origem. Conhecem-se pombos-correios capazes de voar mais de 1600 km em dois dias. Isto não daria muito tempo para a busca baseada no acaso. Dessa maneira, estas aves têm algum conhecimento da direção adequada a seguir. Certas pessoas acreditam que estas aves tenham uma aptidão misteriosa para orientarem-se de acordo com o campo magnético da Terra. Todavia, não existe prova de tal suposição. Outras pessoas julgam que as aves são orientadas pela posição do Sol. Não está esclarecido, porém, como conseguiriam isso, muito embora se saiba que as aves podem perder

seu rumo em tempo nublado ou de cerração intensa. Os pombos-correios têm acuidade muita apurada para lembrarem-se de marcos de referência terrestres visíveis. No entanto, isto não explica como conseguem voltar ao pombal de origem ao sobrevoarem territórios nos quais nunca estiveram antes.

Os pombos-correios já levaram mensagens para os antigos egípcios e persas há três mil anos. O faraó Ramsés III deu a conhecer ao povo a sua subida ao trono através dos pombos-correio. Já no Egito, anunciava-se a subida das águas do Nilo através dos pombos-correio. No Império Persa, o correio aéreo baseado no serviço de mensagens através de pombos correio deu origem a um ramo da Administração Pública. Na Grécia antiga, os pombos conduziram as notícias com os resultados das Olimpíadas, de cidade para cidade. Os romanos utilizavam pombos-correio, enquanto os alemães treinaram falcões para capturar aquelas aves. Já no período da ocupação da Gália, faziam chegar as notícias a Roma, por meio de uma série de pombais escalonados até àquela capital.

Alguns achados arqueológicos indicam a existência do pombo 6.500 anos A. C.

O Rei Salomão utilizava exclusivamente pombos correio na transmissão das suas ordens aos governadores das províncias do seu vasto Império.

As vitórias nos Jogos Olímpicos eram dadas a conhecer através dos pombos-correio.

Em 1288, no Cairo, eram empregados 1900 pombos-correio no serviço postal regular.

O Sultão Nur-Eddin (séc. XII) criou um serviço postal por pombos-correio entre Bagdá e todas as cidades do seu Império.

Joinville, nas "Crônicas" relata o relevante papel protagonizado pelos pombos-correio durante as Cruzadas à Terra Santa.

Na Idade Média só aos senhores feudais e ao clero era autorizado a criação e detenção de pombos correio. Este "droit de colombier" apenas foi abolido com a Revolução Francesa, em 4 de Agosto de 1789.

Em 1815, a primeira notícia recebida em Londres, a anunciar a derrota de Napoleão em Waterloo, foi transmitida por um pombo correio. Antes, porém, da chegada deste pombo mensageiro, o Ministério da Guerra londrino recebera pelo telégrafo de Chappe, um telegrama incompleto que dizia "Wellington defeated ...", esta notícia causou o pânico na opinião pública e a bolsa entrou em queda livre. Rothschild, que utilizava regularmente os pombos correio nos seus negócios, tinha alguns deles na zona de combate: enquanto o Ministério carpia a "derrota", o banqueiro adquiriu na Bolsa, por valores irrisórios, todos os títulos e ações ali transacionados.

Cerca do ano de 1900, a empresa francesa Compagnie Général Transatlantique recebia notícias dos seus navios através de uma rede organizada de pombos correio (os pombos voavam distâncias superiores a 300 Km sobre o mar).

Na 1ª Guerra Mundial, mais de 30.000 pombos foram utilizados nas frentes de combate, sobressaindo o episódio do forte de Vaux e a história da heróica batalha de Verdun; A Alemanha reconhecendo o perigo, ordenou o extermínio dos pombos-correio nas regiões ocupadas.

Na 2ª Guerra Mundial assistiu-se ao êxito das mensagens aladas sempre que as comunicações via rádio eram interceptadas ou perturbadas pelos adversários. No decurso da primeira Guerra Mundial foram assinaladas histórias incríveis de pombos portadores de mensagens em pleno combate. Uma ave voou 39 km em 25 minutos conduzindo uma mensagem. Chegou ao local de destino com uma pata arrancada e o peito ferido por uma bala.

Em 1948, o governo português concedeu o Estatuto de Utilidade Pública ao pombo correio.

Na década de 50, na Argentina, cerca de 60.000 pombos ainda serviam como meio de comunicação postal.

A Suíça desmobilizou os pombos correio já na década de 90.

A columbofilia continua, em diversos países, como em Espanha ou Cuba, a depender do Ministério da Defesa.

Agora que o Mundo parece encaminhar-se para uma paz duradoura e face ao aparecimento das novas tecnologias de comunicação, o pombo correio tem a sua verdadeira dimensão na área desportiva.

A Federação Columbófila Internacional, sediada em Bruxelas, aglutina cerca de 60 países de todos os Continentes.

Portugal ocupa um lugar de destaque nesta organização.

A columbofilia é, em Portugal, o segundo desporto mais praticado (logo a seguir ao futebol).

Cerca de 20.000 associados, 750 clubes e 14 Associações Distritais / Regionais dão corpo à estrutura columbófila nacional. A Federação têm registrado cerca de 4.500.000 pombos-correio. Portugal é bi-campeão Olímpico em columbofilia.

No triênio 1997-1999, Portugal organizou, com assinalável sucesso, três Campeonatos do Mundo, três Campeonatos Latino Americanos e um Campeonato da Europa. A alimentação destes atletas é especialmente concebida tendo em conta o seu dispêndio de energia e é composta por mais de 25 diferentes tipos de sementes, suplementos energéticos e vitamínicos. Grandes figuras do desporto português (José Torres, Bento, Chalana...) adotaram a columbofilia como seu principal hobby.

Eminentes cientistas como o Prof. Dr. Rodrigues Branco (medicina nuclear) são columbófilos. O Dr. Mariano Palácios (ex-embaixador do México em Portugal e atual Ministro do Trabalho no seu país) é um grande columbófilo, teve instalado na residência oficial, em Lisboa, um pombal.

Uma opção para quem cria Pombos-correio é participar das competições de velocidade organizadas pelos clubes especializados. É uma atividade ao ar livre, que proporciona lazer e passeios. Cada criador, para competir, leva seus pombos a locais distantes do criadouro, para onde eles voltarão, sendo medido o tempo em que fazem o percurso.

Como estas aves conseguem achar o caminho de volta ainda não se sabe. Acredita-se que marcam o ponto inicial da rota (durante seus círculos no ar) através de ondas eletromagnéticas. Orientando-se por estas mesmas ondas, prosseguem em linha reta. Sabe-se que de olhos vendados conseguem também localizar este ponto, mas têm dificuldade de se orientar quando se cria um campo magnético através de um ímã colocado em suas costas. Com todas as suas qualidades, estas aves continuam atraindo o interesse de quem as conhece, fazendo com que sua criação se perpetue através do tempo.

Do pombo-correio à Internet, a humanidade venceu muitas etapas. Da romântica forma do recado amarrado ao pé de uma ave, passamos pelos pergaminhos entregues a pé, pelos escravos; pelo telefone; pelo telex; pelo fax e chegamos à rede de computadores. E isso nos dá a seguinte visão: à moda antiga ou moderna, teremos de estar sempre informados. Pois aqueles que tiverem o controle das informações serão os herdeiros do novo mundo.

7 RURALCEL E TELEFONE MÓVEL

No campo, pequenos problemas que poderiam ser resolvidos com um simples teclado de um telefone, muitas vezes corriam o risco de se transformarem em sérios prejuízos. Agora, graças ao sistema RURALCEL, muitos proprietários rurais podem se comunicar instantaneamente com qualquer lugar do mundo, de maneira simples e econômica. Não há mais necessidade de quilômetros de fios e postes, reduzindo imensamente os custos de instalação.

Aquele remédio para o bezerro, aquela engrenagem para o trator, aquela saudade dos velhos amigos finalmente ao alcance de todos ao simples teclado de um telefone.

O sistema RURALCEL utiliza a mais alta tecnologia para prover aos usuários rurais um serviço de alta qualidade, com custo menor que uma linha rural convencional. Este serviço existe há mais de 10 anos e beneficia as comunidades rurais, facilitando a comunicação entre o campo e cidade ou entre eles.

Mesmo com baixo custo, tamanho compacto e fácil instalação, o Ruralcel não economiza na qualidade e abrangência dos serviços que oferece aos seus usuários, provendo uma gama completa de serviços de Voz, Dados e Fax (sujeito aos limites técnicos da operadora).

Com a evolução da tecnologia, surgem novas maneiras de comunicação para o homem do campo, como os celulares.

A implementação deste tipo de sistema requer nível de sinal adequado do Serviço Móvel Celular ou Serviço Móvel Pessoal, obtido diretamente ou através da implantação de um sistema irradiante com alto ganho e diretividade. Algumas áreas podem não possuir condições técnicas para a implantação destes sistemas. A comunicação de dados, fax ou internet é possível nesta implementação, limitada à velocidade de 9.600 Kbps ou restrita às condições de serviço da operadora local.

Esta tecnologia surge em dois tipos de sistemas diferentes, que é o CDMA e o TDMA.

A fase mais importante do processo de privatização das telecomunicações no Brasil, começou em junho de 2000, com a extinção da Telebrás. Segundo a Anatel, o início das operações das chamadas empresas espelho no mercado nacional de telefonia fixa veio para melhorar a comunicação para os usuários, aumentando o número de telefones. Em 2001, três grandes operadoras privadas - Telemar, no Norte (exceto Tocantins), no Nordeste e no Sudeste (exceto São Paulo); Telefônica (em São Paulo); e Tele Centro Sul (Acre, Rondônia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantins, Goiás, Paraná e Santa Catarina) - ofereciam serviços de telefonia fixa local, podendo, também, atender às chamadas de longa distância.

No Rio Grande do Sul, a operação era de responsabilidade da Companhia Rio-Grandense, controlada pela Telefônica, hoje, Brasil Telecom. A Intelig oferece serviços de longa distância, concorrendo com a Embratel. Na área de telefonia celular, a salada também é variada. Nos dias de hoje, acontece uma fusão das empresas de serviços móvel de celulares, unificando os serviços, se tornando uma só.

A frequência de transmissão foi dividida em duas bandas: A e B. A primeira, operada inicialmente pelas empresas estatais (Telesp, Telerj, Telemig etc.), foi privatizada junto com o sistema Telebrás. A segunda nasceu privatizada. Cada área de concessão deve ter pelo menos duas empresas em concorrência direta. Na área de telefonia celular por satélite, a pioneira Iridium, que iniciou suas atividades no Brasil há um ano e passou maus bocados com um pedido de concordata, ganhou uma concorrente de peso: a Globalstar.

Em 2002, existiam 25 empresas de telefonia fixa e celular no país. Segundo o cronograma da Anatel, as empresas estavam livres para fornecer qualquer tipo de serviço em qualquer região do país. Hoje, o número de operadoras caiu bastante, em função das aquisições, fusões ou parcerias previstas entre empresas, e o mercado, finalmente, ditará todas as regras. Por enquanto, devem prevalecer as metas e prazos fixados pela Anatel. O PGMU - Plano Geral de Metas para a Universalização do Serviço Prestado no Regime Público impõe às concessionárias a obrigatoriedade de implantar um número predeterminado de novos terminais de telefonia fixa, que varia de um Estado para outro, e datas-limite para fazê-lo.

A meta estipulada para São Paulo, que dispunha de 8.596.300 terminais quando o PGMU foi definido, e atingiu 9.859.700 ao final do ano 2000, por exemplo. Até 31 de dezembro de 2001, elas foram obrigadas a atender todas as localidades com mais de 1.000 habitantes; até 31 de dezembro de 2003, aquelas que têm mais de 600 habitantes; e até 31 de dezembro de 2005, todas com mais de 300 habitantes. No que se refere aos telefones de uso público, consta (capítulo III, artigo 7º.) que, "em localidades com serviço telefônico comutado, a concessionária deverá, a partir de 31/12/1999, garantir a toda pessoa o acesso a um telefone de uso público, sem necessidade de deslocar-se mais do que 300 metros".

Para milhões de brasileiros que vivem no campo foi uma solução. As tarifas, pelo menos, diminuiram. Em 1997, uma linha telefônica custava 1.117,63 reais em São Paulo.

Em outubro, a habilitação de um telefone fixo estava custando R\$ 69,10. Apesar dos avanços, as concessionárias não dispõem de programas específicos para atender o campo, salvo sistemas como radiofrequência e telefonia satelital. Em São Paulo, dentro da área de concessão da Telefônica, existem 190 mil propriedades rurais eletrificadas, segundo a empresa, das quais apenas 50 mil têm telefone. No caso do Ruralcel, foram instalados 21.500 aparelhos desde 1994, quando o programa foi lançado.

A empresa pretende continuar oferecendo-o mas aposta, basicamente, numa nova tecnologia, a WLL (Wireless Local Loop), carro chefe da concorrente Vésper. Em miúdos, o WLL é uma espécie de telefone fixo que não precisa de postes nem fiação. A Telefônica está licitando equipamentos WLL para assinantes localizados em áreas com menos de 50 mil habitantes pretendendo, em dois anos, instalar entre 500 e 600 mil terminais.

A Vésper, que iniciou suas operações em 2001, em 15 dos maiores municípios de São Paulo, investiu um bilhão de dólares em infra-estrutura e aparelhos para os assinantes no Estado. Para Torsten Bojlesen, diretor da área de desenvolvimento de negócios do CPqD - Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em Telecomunicações, o sistema WLL, que permite rapidez de implementação, é uma das tecnologias mais promissoras a curto prazo. Em sua

opinião, a principal fonte de faturamento das empresas de telefonia em todo o mundo será transmissão de dados.

O CPqD desenvolve tecnologias como as centrais Trópico, usadas pela maioria das concessionárias de telefonia fixa e, recentemente, criou um refletor passivo, de grande potencial para utilização nas áreas rurais. É uma antena que funciona como espelho, refletindo os sinais de rádio.

De maneira geral, os técnicos concordam que, o futuro pertence à comunicação sem fio. A Telesp Celular, a BCP (que atualmente é Claro) e demais concessionárias de telefonia móvel estão oferecendo dezenas de modalidades de serviços, de olho no crescimento do mercado. Segundo a UIT - União Internacional de Telecomunicações, o número de celulares deve ultrapassar o de telefones fixos entre 2004 e 2007, acompanhando o processo de convergência da telefonia com a informática. Telefone (como canal de comunicação) é, cada vez mais, uma necessidade.

De acordo com a Cedril - Cooperativa de Energização e Desenvolvimento Rural do Vale do Itariri, cada propriedade emprega pelo menos cinco famílias, o que dá 25 pessoas, em média. Só no entorno do Sítio Laranjal há 200 fazendas e sítios, que abrigam cerca de 5 mil pessoas. Satuzinho é um dos poucos a possuir telefone entre os produtores de bananas. Aliás, nem é seu, embora esteja instalado na varanda de sua casa há 13 anos. É um Vila-Fone pertencente à prefeitura de Miracatu, que o cedeu sob comodato, obrigando-o, por contrato, a liberar sua utilização à vizinhança. A qualquer hora do dia ou da noite tem gente batendo à sua porta. "É uma maldição", diz Satuzinho, que vem pedindo em vão a instalação de um orelhão comunitário "movido a fichas", para ninguém mais o azucrinar. No esquema imposto pela prefeitura, ele tem de anotar as ligações, cobrar dos usuários e pagar a conta no final do mês.

A Cedril fez uma pesquisa entre 8 mil propriedades rurais nos municípios de sua área de influência - Peruíbe, Itanhaém, Itariri e Pedro de Toledo - e comprovou que apenas 10% foram eletrificadas. "Em se tratando de telefonia, o número não chega a 2%", garante Dinamérico Perone, de 48 anos, que dirige a entidade. Há quatro anos, ele vem tentando

credenciar a cooperativa para instalar telefones na área rural, a exemplo do que faz com energia, mas ainda não teve sucesso. Produtor de banana na Fazenda Guatiaia, em Peruíbe, ele possui um Ruralcel, telefone celular fixo que custou 2.500 reais. "Funciona muito bem. O problema é que, ultimamente, ninguém mais consegue acesso a esse tipo de aparelho", diz. O programa Ruralcel, instituído em 1993 pela Telebrás (empresa estatal que cuidava do setor de telecomunicações, privatizada no ano passado), está semiparalisado, por divergências sobre tarifas.

No Brasil, existem 25 milhões de terminais de telefonia fixa e 12 milhões de telefonia móvel, concentrados nas capitais e grandes cidades. É pouco, se comparado aos padrões dos países desenvolvidos. A Anatel - Agência Nacional de Telecomunicações instituiu programas para levar telefonia a todos os cantos do país, mas, por enquanto, a prioridade das concessionárias é atender as grandes concentrações urbanas, mais rentáveis. O engenheiro eletrônico Mário Ripper, consultor na área de telecomunicações, acredita que a solução pode estar na tecnologia, que vem se mostrando capaz de criar equipamentos mais eficientes, práticos e baratos. Ripper lembra, porém, que o desenvolvimento depende cada vez mais da circulação de informações, campo onde continuamos atrasados. Países como Inglaterra, Estados Unidos, Japão e Coreia têm programas para levar a Internet às comunidades mais pobres ou isoladas e prepará-las para aproveitar seu conteúdo e potencial. No Brasil, Internet ainda é luxo.

Ainda, se pode aplicar rádios bidirecionais restringe-se a distâncias de até 8 Km, conforme características de cada modelo e obstruções existentes no local de uso. Sua grande vantagem é a não existência de cobrança pelo uso e sua total autonomia de qualquer equipamento externo.

7.1 Comunicação no auxílio às instruções do exército

As comunicações, alicerce fundamental no ingente trabalho do guerreiro de selva, viabilizam o exercício do comando em todos os escalões, propiciando aos alunos dos cursos

de operações na selva segurança na instrução, face às situações adversas que possam vir a ocorrer e ainda, permitindo que a mensagem flua no interior da floresta.

O CIGS possui cinco bases de instrução distribuídas em uma área de abrangência de aproximadamente 1.150 km². A mais próxima da sede em Manaus (Base de Instrução Nr 2) encontra-se a 58 km do quartel do CIGS (Base de Instrução Nr 5). A mais distante (Base de Instrução Nr 4) a 99 km. A maioria das bases são ligadas por estradas que não apresentam boas condições de trafegabilidade.

O internamento de patrulhas isoladas no interior da imensa e inóspita floresta constitui-se no problema crítico do CIGS, devido a possibilidade de acidentes que possam vir a ocorrer com seus integrantes, tais como picadas de animais peçonhentos, doenças tropicais e outras enfermidades, onde o princípio da oportunidade é de fundamental importância para o êxito de um atendimento médico em face de uma evacuação, seja por via aérea, terrestre ou fluvial.

Dai a importância das comunicações seguras, flexíveis e ágeis que propiciem a continuidade das ligações, em qualquer lugar, a todo momento, sob qualquer condição meteorológica. Atualmente, o meio de comunicações mais empregado para transmissão de informações no CIGS é o meio rádio, utilizando equipamentos em VHF (em determinados momentos suplementados por equipamentos em HF/SSB), que possibilitam as ligações entre a sede e as bases de instrução. Isso é fundamental para a coordenação e controle das ações de segurança (evacuações e resgates), operacionais e administrativas, principalmente no desenrolar dos diversos cursos e estágios ocorridos ao longo do ano.

Contudo, o principal meio de comunicações é o sistema de Telecomunicações intitulado RURALCEL que permitirá melhoria das comunicações em apoio às atividades desenvolvidas no CIGS, possibilitando integração, prestação, continuidade, flexibilidade e segurança e, ainda, priorizando o bem estar dos alunos e integrantes do CIGS. Em fase de instalação na base de instrução Nr 2, localizada na estrada do Puraquequara, o citado sistema funcionará como um telefone celular fixo permitindo ligações para qualquer parte do planeta.

As dificuldades na selva equatorial são extremas - o isolamento, os grossos pingos de água que caem das copas das árvores, o zumbido e as picadas constantes e incômodas dos insetos, os animais selvagens, a terra molhada coberta de folhas e troncos de árvores mortos que dificultam a locomoção, a elevada umidade atmosférica onde se proliferam inúmeras doenças tropicais, enfim, a morte muito próxima em todas as situações - Havendo, ainda, a quase impossibilidade do estabelecimento de um sistema de comunicações.

Os desafios estão impostos e, apesar de tudo, o trabalho continua com a instalação do sistema de telecomunicações RURALCEL. Desenvolvem-se ainda estudos, visando a aquisição de equipamentos portáteis, que possibilitam ligações via satélite visando a coordenação e controle das ações de segurança, operacionais e administrativas do CIGS.

CONCLUSÃO

Após toda a pesquisa feita em cima das formas de comunicação, vindo desde a formação do povo gaúcho, pode-se concluir que ninguém vive sem comunicar-se com alguém.

Com o decorrer do tempo, as idéias vão surgindo e aparecendo novas formas de falar ou transmitir recados. As evoluções tecnológicas vêm para auxiliar e aumentar a agilidade e rapidez de chegar ao destino o recado desejado. No campo, pequenos problemas que poderiam ser resolvidos com um simples teclar de um telefone, muitas vezes corriam o risco de se transformarem em sérios prejuízos.

Agora, graças ao sistema ruralcel e as várias opções que se tem, seja ela da maneira mais tradicional a mais evoluída, muitos proprietários rurais podem se comunicar instantaneamente com qualquer lugar do mundo, de maneira simples e econômica. Não há mais necessidade de quilômetros de fios e postes, reduzindo imensamente os custos de instalação.

Ainda, as rádios estão focadas para auxiliar ao homem do campo.

Conclui-se ainda, a amplitude da importância das telecomunicações no campo, para tentar reduzir o êxodo rural, tentar manter as comunidades rurais na zona rural.

Já que nossa formação está baseada na pecuária e agricultura, hoje, não se pode deixar de lado as raízes rurais, assim, o avanço das comunicações ajuda a diminuir este índice, que aumenta a cada ano.

Além da idéia de auxiliar na diminuição do êxodo, ressalta-se a persuasão das rádios AM sob os ouvintes, porque além de informar, são formadoras de opinião público, tendo uma credibilidade muito grande entre os ouvintes.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO:

A MAIA. **Alma Bárbara**, RJ, Pimenta de Melo & C., 1922

ARAÚJO, Inesita Soares de e AZEVEDO, Ana Maria A de. **A Recepção de Impressos: rádio, vídeo e audiovisuais**, Ed. Espaço Aberto, Recife, 1996

Enciclopédia Delta Universal, vol. 12, Editora Delta S.A, RJ, 1982.

FAGUNDES, Antônio Augusto. **Cartilha de História do Rio Grande do Sul**. Editora Martins Livreiro, 1996.

HILAIRE, Auguste d Saint. **Viagem ao Rio Grande do Sul- 1820/1821**, 1935

Jornal Correio do Sul, julho de 1996

Jornal Minuano, 02/07/96

LAMBERTY, Salvador. **ABC do Tradicionalismo**. Editora Martins Livreiro, Porto Alegre, 1996.

MATTOS, Eron Vaz. **Aqui, Memorial dos Olhos D'água**, 2003

PESAVENTOS, Sandra Jataly. **História do Rio Grande do Sul**.

PIRES, Cândido de Oliveira. **Palmas da Gente, Guardados da memória**. Bagé; EDIURCAMP, 1992

Rio Grande do Sul- Quatro Séculos de História.

Rio Grande do Sul, Aspectos de Cultura- povoados e identidade regional.

ROCHE , Jean. **A colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**, 1969

SANTOS, André Luiz dos. **Avaliação Social da Tecnologia e Debates Ambientais: O Caso dos Defensivos Agrícolas**, Tese M Sc., COPPE/UFRJ, 1988

TARGA, Luiz Roberto. **Gaúchos e Paulistas: dez escritos de história regional comparada**, 1996